

o NEGRO
NA HISTÓRIA
DO RIO GRANDE
HERÓICO
(1725-1879)

PEDRO ARI VERISSIMO DA FONSECA



Pedro Ari Veríssimo da Fonseca

**O Negro na História do Rio Grande
Heroico
(1725-1879)**



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca

**O Negro na História do Rio Grande
Heroico
(1725-1879)**

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, História, -Passo Fundo: Diário da Manhã, 2010. 88p.; il.; 22cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 09/06/2009

F676n Fonseca, Pedro Ari Veríssimo de

O negro na história do Rio Grande heróico [recurso eletrônico] : (1725-1879) / Pedro Ari Veríssimo de Fonseca. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-038-7

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Negros – Rio Grande do Sul. 2. Rio grande do Sul – História. I. Título.

CDU: 981.65

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

PREFÁCIO	9
APRESENTAÇÃO	13
I - O LUXO DOS NEGROS	17
1 OS ESCRAVOS NO BRASIL	19
1.1 O IMPÉRIO PORTUGUÊS	19
1.2 OS NEGROS DO CONGO	20
1.3 O NEGRO NO BRASIL	21
1.3.1 Os Negros adquiridos pelos brancos.....	22
1.3.2 Os Negros no Rio de Janeiro, Baía e Maranhão	23
II - CAMPO DOS NEGROS.....	27
III O NEGRO NAS FAZENDAS	35
1. A NEGRA DORVALINA	37
2. O NEGRO TIO MAIA	39
3. O NEGRO BASTIÃO	40
4. O NEGRO DOFE	42
5. NEGRO DOMADOR	43
6. O NEGRO IZÁ	45
7. O NEGRO JOÃO PEDRO.....	47
8. O NEGRO NAS ESTÂNCIAS	50
IV O NEGRO NA CONQUISTA E DEFESA DO RIO GRANDE DO SUL HERÓICO (1725 – 1879).....	51
1 O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL.....	53
1.1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS.....	53
1.2. RIO DE NEGROS: aspectos geográficos	56
1.3. O BERÇO DO GAÚCHO BRASILEIRO.....	58
1.4. A PARTICIPAÇÃO DO NEGRO NA FUNDAÇÃO DA COLÔNIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO	59
1.5. QUANDO ENTROU O PRIMEIRO NEGRO NO ATUAL TERRITÓRIO DO RIO GRANDE DO SUL?	61
1.6. O NEGRO NA FUNDAÇÃO OFICIAL DA CIDADE DE RIO GRANDE.....	62
1.7 AS ESPOSAS DOS ESCRAVOS E DEMAIS NEGROS	64
1.7.1. A PRESENÇA DA MULHER NEGRA ACOMPANHANDO O EXÉRCITO DEMARCADOR.....	65
1.7.2. A RECONQUISTA	67
1.8 A INVASÃO ESPANHOLA.....	67

1.9 UM PUNHADO DE GAÚCHOS NEGROS DERROTARAM O MAIS PODEROSO EXÉRCITO ENFRENTADO NOS CAMPOS DO RIO GRANDE DO SUL	70
1.10. OS GUERREIROS DE PINTO BANDEIRA.....	71
1.11. ANOS DE PAZ.....	72
1.12. PAI JOÃO E NEGRA MINA SÍMBOLOS DO CARINHO E DO AMOR.....	73
1.13. OS TRABALHADORES EM REGIME DE ESCRAVIDÃO TINHAM FUNÇÕES E RESPONSABILIDADES IGUAIS AS DOS TRABALHADORES DE HOJE.....	75
1.14. RETORNO À CORTE DO RIO DE JANEIRO DOS NEGROS DA FEITORIA DO LINCHO CÂNHAMO.....	76
1.15. A IDADE DO CHARQUE	81
1.16. O PORTUGUÊS: um povo que amou todas as raças.....	82
1.17. O TRABALHO NAS CHARQUEADAS.....	84
1.18.A MATANÇA DO GADO VACUM	85
1.19. NA GUERRA DE 1801.....	87
1.20. O NEGRO NO EXÉRCITO PACIFICADOR	89
1.21. OS HERÓICOS LANCIEROS NEGROS.....	92
NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA	92
1.22. CARACTERÍSTICAS DOS SOLDADOS NEGROS	93
1.23. LANCEIROS NEGROS DE TEIXEIRA NUNES	94
1.24. OS LANCEIROS NEGROS EM SEIVAL E PORONGOS	96
1.25. REFLEXOS DA INVASÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA POR NAPOLEÃO BOANPARTE NAS COLONIAS ESPANHOLA E PORTUGUESA. 98	
1.26. REMEMORANDO A HISTÓRIA.....	100
1.27. UNIDADES COMPOSTAS SOMENTE DE NEGROS DO	101
EXÉRCITO NACIONAL	101
1.28. CORPOS DE MILITARES NEGROS NA	102
CAMPANHA DO PARAGUAI.....	102
1.29. A MAIS LINDA TROPA.....	104
1.30. O ORGULHO DE SER GAÚCHO	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108

PREFÁCIO

O médico, presidente do Instituto Histórico de Passo Fundo, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, presenteia-nos com a obra "O Negro na História do Rio Grande Heróico", período 1725-1879, síntese particular de estudos realizados através de décadas de pesquisas, que passam pelas raízes no Continente Africano, o transporte para o Brasil, em vista do regime de escravidão, a povoação e ocupação do nordeste brasileiro, a participação dos negros nos ciclos econômicos, nas guerras, na expansão do território colonial português, na formação da população brasileira, aspectos culturais e a convivência nas mais diversas situações sociais que a vida no passado proporcionou.

Em particular, a contribuição do Dr. Veríssimo é extremamente meritória, na medida em que, em forma de livro, relata a convivência dos povoadores do Planalto Médio, dos quais descende, com os negros que junto cumpriram todo o desígnio de povoar esta nossa região.

Sintetizar, a história relatada em dezenas de obras, em um único compêndio é tarefa hercúlea, só realizável pelos grandes conhecedores do desenvolvimento da humanidade. O Dr. Veríssimo é um destes grandes homens. Dedicado, profundo conhecedor e líder que incentiva a pesquisa e o conhecimento histórico. Preside o Instituto Histórico de Passo Fundo para que "os registros do passado se façam o quanto antes, como forma de não perdermos as fontes originais de consulta".

Num país de poucos leitores, escrever e editar sempre são desafios. Então, mediante as exceções, nada mais louvável do que destacar o espírito solidário do Grupo Jornalístico Diário da Manhã, através de sua diretora Dra. Janesca Martins Pinto, para que estes atos sirvam de exemplos a tantos quantos também podem optar em contribuir na edição de obras valiosas para conservação da memória.

O convite, para prefaciar esta obra, lembrou-me da infância, na década de 50 e 60 do século passado, quando, como neto de ervateiros, participávamos com os primos e negros: Adão Bixo, Antônio Crescendo, Otacílio... suas companheiras, lhos e lhas, descendentes de escravos, nos períodos de férias escolares, do: desgalhar, quebrar, atarraídos, transportar em carroças, sapecar, secar, cancheiar, ensacar e transportar até as indústrias a erva- mate produzida. Vivíamos semanas completamente integradas com os empregados dos avós. Certamente, esta convivência, também, fez parte da vida da maioria da população serrana.

Na medida em que vamos saboreando a leitura, viajamos no imaginário passado recordando com alegria a infância, a juventude e toda a trajetória de vida até o presente. Nesta viagem, nos deparamos com uma realidade miscigenada nos ambientes de trabalho, no seio familiar e na sociedade multicultural.

Quando no futuro, mais pesquisadores dedicarem-se aos estudos genealógicos, compreenderemos quão grande foi a obra de portugueses, espanhóis, índios, negros e demais imigrantes na formação da população do Rio Grande. Neste processo, os negros sempre foram e serão de importância primordial. Sem esta participação, o Rio Grande não seria gaúcho e o Brasil não teria o Rio Grande. Louvemos, pois, a participação da civilização negra.

Compreender que, independente das diferenças, somos todos da mesma origem e temos o mesmo destino é uma dádiva. Neste sentido, os registros pontuados pelo Dr. Veríssimo, da contribuição dos negros para o povoamento do Rio Grande, no trabalho, na guerra, na cultura, na política, descrevendo com amplitude a vida individual e social, constatei uma majestosa contribuição à memória de nossa sociedade.

A obra, *O Negro na História do Rio Grande Heróico*, também, é um desa para que outros dêem continuidade à tarefa de pesquisar e registrar a participação dos negros, como agentes diretos ou indiretos, na construção da civilização brasileira e latinoamericana.

Parabéns ao Dr. Veríssimo, ao Grupo Jornalístico Diário da Manhã e ao Instituto Histórico de Passo Fundo.

Daltro José Wesp.

APRESENTAÇÃO

Na cultura brasileira, dois assuntos sempre me incomodaram: piadas pejorativas sobre portugueses e alusões pejorativas sobre o negro - triste demonstração do quanto ignorantes nos somos sobre a contribuição dessas duas etnias na conquista do território do Brasil e na formação da nossa nacionalidade. E isso é tudo para uma Nação!

Um dia, em conversa com Daltro José Wesp, superintendente da Fundação Cultural Planalto, abordávamos esse assunto e ele me sugeriu escrever um artigo sobre o negro para a revista Somando. Eu havia recém acabado de ler o formidável livro da historiadora Sílvia Hunold Lara FRAGMENTOS SETECENTISTAS escravidão, cultura e poder na América portuguesa. São Paulo - 2007. Companhia das Letras. 430 páginas.

Na orelha do referido livro, escreve A. J. R Russell Wood – The John Hopkins Univesity:

Cada capítulo desse trabalho pioneiro de síntese se sustenta sozinho. O poder do conjunto é o de uma micro-história fascinante”.

Não procurem a citação da página de cada trecho que eu transcrevo. A minha intenção é apenas difundir conhecimentos que a professora Sílvia nos ensina. Não procurem citações de rodapé. Leiam o livro, uma vez que tudo é tirado de uma obra só.

Em curto espaço de tempo, eu chego ao Diário da Manhã. Assim que entrei no gabinete da Diretora presidente da Empresa Jornalística Diário da Manhã, Janesca Martins Pinto, ela me falou:

Seguidamente estudantes procuram o jornal em busca de conhecimentos sobre o negro na história. Eu não tenho nada. Escreva sobre o negro na Historia do Rio Grande do Sul que eu publico e envio para os colégios.

Escrevo, mas depois faremos um livro para distribuição escolar ...

É evidente que eu não tenho conhecimento que eu não tenho como fazer qualquer trabalho original, mas tenho algumas obras de fonte primária donde eu poderia fazer uma compilação e, a partir das quais, poderia desenvolver um trabalho de difusão desses conhecimentos solidamente assentados.

Se não, vejamos: “Desde os primeiros “estudos de negros”, ainda em fins do século XIX, entender a questão racial significou enfrentar o tema da identidade; pensar nas peculiaridades locais (...)”.¹

As obras mestras sobre os “*estudos negros*” são locais: Os Africanos no Brasil, de Nina Rodrigues cuida dos africanos na Bahia; Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freire tem seu conteúdo expressado no título, e localizado em Pernambuco; na introdução à Antropologia Brasileira, de Arthur Ramos, tem esta definição de Marcos Chor Maio (1997): “ Os dois grossos volumes de Arthur Ramos podem ser interpretados como obra de caráter eminentemente propagandístico não só da diversidade, como também das relações raciais no Brasil. Tanto em termo textuais como imagéticos, os dois volumes colocam no centro da cena os investimentos propagandísticos do autor no sentido de fundamentar a urgência de transformar o Brasil em ‘grande laboratório de antropologia física e cultural’ aproveitando o enorme contingente de mestiços”.² Edson Carneiro, dedicou-se ao estudo da cultura negra e do sincretismo religioso, em vários trabalhos, mais voltados para o folclore. Estes são as fontes primárias, mais consultadas.

“As peculiaridades locais” do Rio Grande do Sul, como quer SCHWARCZ, estão ausentes nessa obras consideradas e reconhecidas para “*estudo de negros*”.

¹ SCHWARCZ, 1999:268,272. In: RAMOS, Arthur. **Luz e Sombra na Antropologia Brasileira**. Biblioteca Nacional, dez. de 2004.

² de Marcos Chor Maio (1997):

Escolhi como fontes de pesquisa para fundamentar meus textos a obra do alemão Carlos Seidler e do renomado historiador Cel. Cláudio Moreira Bento, gaúcho de Canguçu.

1º O alemão Carlos Seidler que em 1827-1828 integrou o 27º Batalhão de Caçadores Alemães que lutou na guerra Cisplatina. Após retornar à Alemanha escreveu um livro intitulado Dez Anos de Brasil. Nele, o que me seduziu foi a afirmação que fez: “Seidler observou e escreveu sobre a escravidão no Brasil, dizendo com isso contribuir para eliminar algumas idéias errôneas sobre o assunto por pessoas inscientes e descritoras de viagens feitas sem terem saído de casa.

Seidler reafirma a intenção do que estava a escrever:

“(...) para corrigir muitas coisas que a respeito têm espalhado pessoas inscientes e certos descrevedores de viagens feitas dentro de casa”.

Estas palavras “inscientes de descrevedores de viagens dentro de casa” de Carlos Seidler, a meu ver, veio a ter sua expressão maior na figura do grande poeta Castro Alves, na época, ainda não nascido. Castro Alves nasceu em 1847. Em 1831 o Brasil proibiu o tráfico de escravos da África; em 1850, a lei Euzébio de Queiroz, proibiu no Brasil o tráfico de escravos por navios de qualquer bandeira; Em 1853, fim efetivo da entrada de escravos no Brasil. Castro Alves tinha, então, seis anos de idade. Outro exemplo vigorante de insciência historiográfica, no RS, foi o Combate dos Porongos, onde interesses anti-império usaram de uma carta forjada para desmoralizar Caxias e dela ainda hoje fazem bandeira, como se este fato não estivesse julgado em transitado pela História. É um caso de “peculiariedade local” como adverte SCHWARCZ.

O segundo autor escolhido para nortear minhas informações é a obra do renomado historiador O NEGRO E DESCENDENTES NA SOCIEDADE DO RIO GRANDE DO SUL (1635-1975), GRAFOSUL – Instituto Estadual do Livro – DAC-SEC, Porto Alegre 1976.

Claudio Moreira Bento. O Autor é Presidente da Academia da História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e do Instituto Gaúcho de História e Tradição. É o maior historiador vivo do RS. A citação de todos os seus títulos honoríficos e de seus livros e trabalhos publicados não cabem no espaço de uma crônica, por mais que se queira resumi-los. Todos os seus livros e trabalhos são de fontes primárias. O historiador BENTO é cel. Engenheiro do Exército Nacional. Em todos os seus trabalhos, busca o fato histórico com a precisão de uma grande obra de engenharia.

“Além do tema sugestivo, estribado em vasto conhecimento das coisas do nosso Rio Grande na autenticidade e intensidade das rigorosas pesquisas que realizou nas fontes diferentes e indicadas, o Autor oferece, ao mesmo passo, inestimável contribuição às letras gaúchas tão desprovidas de menções reveladoras da presença africana ou participação de seus descendentes no contexto histórico do Rio Grande do Sul, e promove na fulgência e sustância do ensaio que apresenta, um autêntico processo reparatório na projeção dos contornos exatos da figura marcante do Negro nos quadros da vida rio-grandense.”

Este período extraído do prefácio escrito pelo negro Carlos Santos em 1976 quando deputado Federal. Além de deputado estadual, Presidente da Assembléia legislativa do RS, e Governador do Estado por um período. Carlos Santos recebeu o título de primeiro Deputado Emérito do RS, em sessão de Grande Expediente no dia em que estaria completando 100 anos, no dia 09.12.2004.

I - O LUXO DOS NEGROS

1 OS ESCRAVOS NO BRASIL

Quando Portugal expandiu seus domínios pela Costa de Guiné, a dominação abrangia o litoral desde Marrocos até a África do Sul. Dentre as **nações** desta vasta costa, o Congo assimilou muito bem a religião cristã e seus rituais bem como o luxo da corte e a pompa da Igreja.

O carnavalesco Joãozinho 30 sentenciou: “negro gosta de luxo!” Esta frase resume cinco séculos de esplendor e luxo da cultura negra no Brasil. Do rei *Mani* Nzinga-a-Nkuwu e da rainha Mvenda-a-Nzinga ao Joãozinho 30, os congueses impõem o estilo da cultura negra nos costumes e nas artes do Brasil.

1.1 O IMPÉRIO PORTUGUÊS

É necessário conhecer os costumes do império português para se compreender o luxo do negro no Brasil.

A corte portuguesa disciplinava a maneira no trajar de todas “as pessoas de bem” por intermédio das pragmáticas e de acordo com a classe a que pertenciam. Ao mesmo tempo, usava da demonstração pública pomposa dos representantes, por ocasião das cerimônias públicas civis e festas religiosas, teatralmente organizadas e adequadamente trajadas, visando a suprir a distância entre o Rei e seus vassallos. Principalmente destes. Sabia-se a classe de cada um pela roupa que usava. Em todo o império português era assim. Dessas apresentações públicas não participavam a plebe e as pessoas negras e descendentes afro-brasileiras. Filho de pessoa negra, negra era. Não tinha classe.

A palavra negro muitas vezes passou a se referir indistintamente a todos os que não eram brancos. Esse fato é que vai influenciar a conduta do negro. Relembramos que a população branca ainda hoje é minoria no Brasil, e sempre se manterá culturalmente negra e sertaneja. O primeiro padrão brasileiro foi o mameluco, gerador do caboclo sertanejo, o segundo

foi o negro. O mameluco não se integrou aos usos e costumes dos brancos e deles se afastou, e se auto-referia dizendo – os da "minha raça"; o negro não só se integrou, dominou. Vejamos como tudo começou.

1.2 OS NEGROS DO CONGO

Vamos ao Congo, que tanto influencia a cultura brasileira. O rei do Congo *mani* Nzinga-a-Nkuwu converteu-se ao cristianismo e adotou o nome de d. João I. Mas pressionado por grupos políticos, que não aceitavam a nova religião, renunciou-a. A luta continuou até que, por sua morte, a filha Mvenda-a-Nzinga conseguiu conquistar o trono e restabelecer o cristianismo. Reinou de 1507 a 1542.

*A rápida e inesperada cristianização do Congo e o longo reinado da rainha Nzinga encheram de júbilo a Coroa Portuguesa. A troca de correspondências, favores e presentes foi intensa e duradoura – presentes em ouro, pedras preciosas e negros para o trabalho em Portugal. Havia uma promessa: com vinte anos de trabalho o negro **nação seria liberto**; o negro **crioulo**, com vinte e cinco anos de trabalho escravo.*

A rainha Mvenda-a-Nzinga assimilou todo o luxo da corte portuguesa e toda a pompa do catolicismo. E cobriu-se de sedas e de jóias, até mesmo sapatos crivados de pedras preciosas passou a usar.

A influência do rei do Congo junto à corte portuguesa deu azo a que o rei do Congo também tivesse seus representantes no império português, assim como os portugueses tinham seus representantes no Congo. Não sei aproximar o ano em que houve a eleição do primeiro rei do Congo entre os escravos brasileiros. A verdade é que os reisados foram instituídos em todas as cidades. As congadas e as representações de danças dramáticas negras estão bem vivas no Brasil. No RS, Encruzilhada do Sul mantém viva a tradição da cultura negra.

1.3 O NEGRO NO BRASIL

No Brasil, a gente negra não sendo incluída em nenhuma classe tornou-se livre, estimulada pelo Império Português, necessitados de gente para povoar as Conquistas e carentes de mulheres brancas, os portugueses buscaram a solução no acasalamento com as mulheres negras, lícita e ilícitamente. Surge, assim, uma população mestiça não sujeita às leis de Portugal e amparadas pelos pais brancos. Essa população mestiça cresceu diferenciada, arrogante, petulante e rebelde. Mas nenhuma outra etnia é mais brasileira em sentimentos pátrios que a mulata. Nem nós, puro sangue português.

Essa população negra reuniu-se em torno da Igreja constituindo irmandades: N.S do Rosário, São Benedito, São Sebastião, do Carmo, enfim, ligadas ao santo padroeiro da igreja do Bairro ou da cidade. Viveu ela e cada componente a plena liberdade. É equivocada a idéia de que a população escrava setecentista das cidades sofreu castigos, como ocorreu na população seiscentista **de nação**³, principalmente nas zonas mineradora e nos canaviais.

A África é um continente não todo de população negra, daí historiadores evitarem escrever a palavra afro-brasileira. Outro equívoco é pensar que os escravos estavam sujeitos as leis de Portugal. Portugal tentou sujeitar a liberdade e o luxo das pessoas escravas, desde 1696. Em 1704 enviou a terceira carta régia “proibindo que elas usassem vestidos de seda, cambraias, holandas com ou sem rendas e brincos de ouro ou prata como forma de reprimir a demasia do luxo de que usavam no vestir as escravas desse estado, e devendo evitar-se este excesso, e o ruim exemplo que deles pode seguir, à modéstia e a compostura dos senhores das mesmas e suas famílias e outros prejuízos igualmente grave”.

³ O verbete **de nação** significa nascida em alguma das nações de populações negra da África.

Em 1749 emitiu pragmática no mesmo sentido, e muitas outras, sem resultado como veremos no Relatório do Conde de Resende (1796) mais adiante.

1.3.1 Os Negros adquiridos pelos brancos

A gente branca comprou escravos e usou o trabalho do escravo para enriquecer. Proibida de ostentar luxo pelas vestes e adornos, passou a exibir sua riqueza através do número de escravos e do luxo com que trajava a gente negra, parte dela ou toda, composta pelos próprios filhos dele com uma negra. E a gente branca saía à rua com numerosos escravos, que em alguns casos só serviam para isso. As mulheres portuguesas, nem sempre com recursos para ter muitas escravas, alugavam *negras* para formar seu séqüito. O luxo chegou a tal ponto que o Império limitou a oito o número de pessoas a compor um séqüito, normalmente composto por meninos, meninas, homens e mulheres, em torno de vinte pessoas.

Limitado em número, ilimitado para o luxo. A ostentação dos portugueses, novos ricos de classes inferiores, passou do número de “pajens” para a riqueza do vestuário destes “pajens”.

Uma dama portuguesa não saía à rua mais do que uma vez por semana. Todo o capricho no uso de jóias e sedas que ela não podia usar ostentava nas *negras* acompanhantes. O mesmo ocorria com os homens. Também muito enfeitavam as escravas que vendiam guloseimas em tabuleiro pelas ruas. O cancionero imortalizou estas vendedoras em muitas belas e amadas composições: Você Já Foi a Baía? “No tabuleiro da baiana tem...”. E o verbete **mulata** passou a ser sinônimo de beleza da mulher brasileira: “...ai meu deus se eu pudesse e se meu dinheiro desse eu comprava essa mulata e prendia no meu coração...”.

A tradição das escravas vendedoras ainda continua viva na Baía, nos desfiles do carnaval, imortalizada por Carmen Miranda “quando você

se requebrar caia por cima de mim, caia por cima de mim...”; Não há carnaval sem baianas ricamente vestidas.

Esta ostentação de pessoas negras acompanhantes, ricamente vestidas, vem de longe e era arraigada nos costumes portugueses. Reparem no séquito de anões da rainha d. Maria I.

Desconheço imagem da negra escrava beijuda e de nariz achatado, governanta do palácio de D. Maria I, que só a ela obedecia e diante da qual a nobreza se curvava.

Sobre as mulheres brancas do Brasil, escreve o cronista da época L. S. Vilhena: “As peças com que se ornar são de excessivo valor e quando a função o permite aparecem com suas mulatas e pretas vestidas com ricas saias de cetim, becas de lemiste finíssima, e camisas de cambraia, ou cassa, bordadas de forma tal que vale o valor três ou quatro vezes mais que a peça e tanto é o ouro que cada uma leva em fivelas, cordões, pulseiras, colares ou braçadeiras e bentinhos que sem hipérbole basta para comprar duas ou três negras ou mulatas como a que o leva.”⁴

1.3.2 Os Negros no Rio de Janeiro, Baía e Maranhão

A população negra escrava ou não era livre para sair à noite e para se trajar. A partir de 1700, o ouro, a prata e os diamantes eram abundantes no Brasil. As populações negras, compostas em sua maioria de mulatas, saíam à rua ricamente vestidas e ornadas de ouro, prata, e pedras preciosas. As mulatas eram filhas dos portugueses bem sucedidos, mas escravas de nascimento. A lei do Ventre Livre veio muito depois. Leia-se este trecho do relatório do conde de Resende ao Conselho ultramarino:“...não menos considerável, na multidão de filhos destas

⁴ Autor, Obra, local, editora, ano, página.

mesmas escravas, porque, sendo criados com demasiado mimo, se fazem depois altivos, insolentes e propensos a toda a qualidade de crimes”.⁵

Ora, meu caro conde de Resende, a mãe preta criava, sim, os filhos dela com todo o mimo, carinho e luxo que o pai branco poderia dar. Até hoje, mãe preta é sinônimo de carinho, bem como pai João é sinônimo de paciência, reflexão e sabedoria.

Observemos esta transcrição do livro de Silvia Hunold Lara: Em 1709, a questão reapareceu no Conselho Ultramarino, motivada por uma representação dos oficiais da Câmara da Bahia, que reclamava do “prejuízo que se segue ao bem público do excesso e luxo com que os negros e mulatos se vestem naquela terra”. Os Conselheiros concordaram que “o luxo nas mulatas e mais escravos” levava “à ruína [...] muitas casas”. “Dando ocasião a muitos pecados”. Por isso, recomendava o rei a estender para todo o Estado do Brasil as determinações expedidas para o Rio de Janeiro. A concordância real foi dada em poucos meses e as necessárias cartas foram expedidas para o Brasil. Apesar de mencionar a “soltura com que as escravas e (os) escravos costumam viver e trajar”, nas “conquistas ultramarinas”, as determinações de 1709 mandavam “proibir em todas as capitanias” do Estado do Brasil que as escravas usassem sedas, telas e ouro, tirando-lhe assim, “a ocasião de poderem excitar para os pecados com os adornos custosos de que se vestem”.⁶

As reclamações ao Conselho Ultramarino por causa do excessivo do luxo dos negros foram constantes, freqüentes e nunca observadas. Os escravos não eram sujeitos a leis de Portugal. E as pragmáticas eram normas de etiqueta social. O episódio com o Governador do Maranhão deixa bem claro esse problema. Ele baixou um bando obrigando que essa pragmática real fosse cumprida. Pois bem, “A carta régia de 1734, dirigida ao Governador do Maranhão repreendeu-o por ter lançado um bando que

⁵ LARA, Silvia HUNOLD. FRAGMENTOS SETECENTISTAS: Escravidão, cultura e poder na América Portuguesa. São Paulo - Companhia das Letras, 2007.

⁶ Idem Ibid. p. 97.

proibia o uso de sedas, veludos e ouro, prata ou pedras preciosas pelas escravas”.⁷ Governador não tinha autoridade para isso.

O bispo do Rio de Janeiro lamentava-se: “Tanto que anoitece [...] [elas saem às ruas] dilatando-se por elas a maior parte da noite sem temor de Deus, nem vergonha do mundo e ainda com o consentimento dos seus donos, que as vendo vestidas, e enfeitadas com as ofensas de Deus, não o encontram, e nem se pejam, que suas mulheres de dia se acompanhem à missa das escravas, que ofendem a Deus de noite.”⁸

Os trabalhadores negros em regime de escravidão também saíam às ruas após o trabalho cantando, dançando e batucando: “Vilhena advertiu senhores e autoridades contra o perigo de “tolerar que pelas ruas e terreiros da cidade [se] façam multidões de negros de um e outro sexo” com seus batuques “bárbaros” cantando canções “gentílicas, falando línguas diversas, e isto com alarido de horrendos e dissonantes que causam medo e estranheza”. Por isso “advertia que” seria muito para desejar que [os escravos] se pusessem num estado de subordinação Tal que julgassem quando ao respeito que qualquer branco era seu senhor”.⁹

Em Pernambuco, durante a invasão holandesa, não foi diferente o comportamento dos escravos após a jornada de trabalho aos domingos. O pintor Zacharias Wagner, fixou em tela um domingo em Recife.

A liberdade dos trabalhadores negros em regime de escravidão nos domínios da Coroa Portuguesa, foi tradição desde a conquista da costa da Guiné em 1455.

A descoberta da ilha de São Tomé apresentou um solo propício cultura da cana de açúcar. Portugal, em poder do domínio sobre todos os povos da casa africana, plantado foi igual ao que mais tarde seria implantado no Brasil, a partir de 1530. Vejamos o que escreve Arlindo Manuel Caldeira da Universidade Nova de Lisboa, em roças de “negros

⁷ Idem, *ibid.* p.

⁸ Idem *Ibid.* p.

⁹ Idem *Ibid.* p.

alavantados”, em *História & Luta de classe*, Ano 2 n° 3 –N0v 2006. Nesse ano de 1530, Portugal, preocupado com a fuga dos negros, chamou ao Reino Contratador Afonso Torres para depor numa inquirição. (...) “declarou peremptoriamente: nenhum remédio se pode dar para deixarem de fugir. E acrescentou: ninguém é senhor dos ditos escravos na dita ilha senão enquanto os ditos querem estar com seu senhor”.

Como já vimos, a liberdade dos escravos não foi diferente no Brasil. Ainda mais, no relatório do conde de Resende escrito início de abril de 1796 – 12 anos antes da chegada de D. João VI ao Brasil – ao secretário dos Negócios Estrangeiros Luiz Pinto Coutinho, no que se refere a multidão de escravos vadios nas ruas do Rio de Janeiro entregando-se ao crime e a bebedice adverte, “[...] limitar ao luxo do negro poderia desencadear uma revolta incontrolável e de consequências imprevisíveis.”

II - CAMPO DOS NEGROS

Foi tradição entre os fazendeiros serranos dos campos de barba-de-bode a doação de campos aos escravos. Na minha família, a última doação foi em 1974. Também campos devolutos, sobras de medições, ficaram para os negros, conforme se vê na capa do livro de Adari Francisco Ecker, *A TRILHA DOS TROPEIROS*, Passo Fundo, Gráfica Editora Berthier - 2007.

Conheci três, todos faziam divisa com os campos das fazendas de descendentes do Alferes Rodrigo Felix Martins. O Alferes tinha trinta e dois cativos **de nação**. Por isso que entre Pinheiro Marcado, São Bento e Carazinho há tantos negros que se assinam Martins. Os campos da sede da fazenda São Benedito do Patriarca de Carazinho (povoação do Jacuizinho) e de Passo Fundo herdou-os a sua filha Liduína, que casou com Antônio Pereira de Quadros, meu bisavô. Daí em diante, começou a aparecer negros assinando Quadros. Conversando com o historiador de Colorado, Euclésio De Bortoli, ele me contou que apresentado a moradores dos campos da Abissínia, reparou que eles ainda se identificam dizendo sou João **dos** Quadros. Fácil seria a genealogia de qualquer deles. Pelo o que me contou o Euclésio, estes negros ainda são descendentes de sangue puro dos negros **de nação**.

No fundo da fazenda São Benedito, herdado por meu avô Ernesto Pereira de Quadros casado com Carolina Sampaio de Quadros (1864-1951), divisa com o hoje município de Colorado, situava-se a Abissínia. Os abissínios nunca se preocuparam em tomar posse oficial da gleba que receberam. Continuaram morando nos fundos dos campos até hoje. Todos gente muito boa e trabalhadora. Nunca foram expulsos de suas moradas por herdeiros. Os abissínios “ receberam estas terras por testamento deixado por Alexandre de Quadros - 4º neto do patriarca Alferes Rodrigo Félix Martins. Cada um recebeu nominalmente uma fração” ¹⁰ (De Bortoli).

Da divisa do potreiro do tio Noredim de Quadros até Cruzinha conheci outro campo dos negros. Não era pequeno esse campo. Entre os moradores desse campo, conheci muito o negro Neco. A casa dele ficava

¹⁰ Debortoli , Euclésio.

bem próxima a do tio Noredim, na costa de um capão. Nas caçadas de passarinho de bodoque andávamos lá pelo arvoredo do Neco filando umas frutas. Esses campos, segundo a tradição foram deixados por Bernardo Pereira de Quadros, casado com Ana Claudina, filha do Alferes, que morava na costa do Rio da Várzea. Neste campo havia pardos e mulatos. Não identifico bem a ascendência desses pardos. Não denunciavam nem *fácies* negra, nem índia; uns tinham barba rala outros não, e uma cor de cuia.

Em Pinheiro Mercado, entre o Passo do arroio São Pedro (continuação do Jacuizinho) e Saldanha Marinho, os negros possuíam dez quadras de campo (870 hectares), doadas por Ana Emília de Quadros, quando ficou viúva de Roberto Martins. O casal teve um filho, Firmino Pinto Martins¹¹ e Ana Emília, viúva, retornou para Castro. Acho que ainda há descendentes destes negros morando lá. Dentre os mais velhos, conheci bem o Idalino, Negro Álvaro, gaiteiro dos bailes de Pinheiro Mercado e o Zerico. O Idalino era um negro preto retinto, alto, enxuto. Por curiosidade, certa vez, o Idalino estava conversando com um irmão meu, bem montado, calça de brim escuro, pés descalços; eu estava bem pertinho e a altura do pé dele. Era um pé bem preto fininho, lustroso. Nunca esqueci. Ele teve ou tinha sete mulheres. Era negro da canela fina, gerava ótimos filhos, segundo a crença popular. Ali por 1970 eu já estava infectado pelo vírus da História. Fomos eu e o meu irmão Mário tomar um mate com a Zerico. Nessa época, era o Zerico que guardava os papéis de propriedade das terras. Mas eu era só curioso. Olhei o papelório, mas nada anotei, era só curiosidade. Parte dessas terras foi comprada por Adaír Schreiner, meu primo irmão, filho da tia Ursulina e tio Walter.

A doação de terras por testamento aos escravos negros e aos agregados pardos foi uma tradição, entre os povoadores do Planalto Médio. Vovó Carolina faleceu em dezembro de 1951. Todos os que moravam nas terras dela e os que lá nasceram e sempre trabalharam para

¹¹ Cf. HECKER. Adari Francisco. **A Trilha dos Tropeiros**. Passo Fundo: Berthier, 2007, p 500.

a fazenda (peões ou não) receberam uma colônia de terra, cada um. A vovó tinha muito mato. Tio Nestor Sampaio de Quadros, casado com Maria Cândida da Rocha, falecido em 1971 também tinha bastante gente em suas terras. Deixou terras para eles no fundo da internada do Posto. Ainda moram lá. Ontem 28.10.2007, mateando com o Nestor Neto, enquanto o Mauro caprichava num filé no disco, o Nestor me dava notícias do Laíde, do meu tempo, mulato muito pernóstico: uma manhã, na hora do café, tia Maria Cândida perguntou ao Laíde: Onde você andava que não pousou em casa: - Eu pernoite na Siá Carula. – Laíde, você sabe o que quer dizer pernoitar? – Sei, sim senhora. Pernoitar é pousar sem regressar. Ele ainda mora lá no campo recebido. Risada igual a do Laíde, só a do João da Silva. O João da Silva quando solta uma gargalhada todas as madrugadas do Rio Grande heróico despertam para ouvi-la. Tenho-a gravada em CD. Oigalê negro pachola! Ginete inexcedível. No tiro de laço, campeão dos campeões em rodeios, muitas vezes.

Os negros que conheci nunca ouviram falar, e nunca mencionaram e nem sabem de maus tratos a escravos. A integração foi tão intensa que os negros mais velhos chamavam meus tios pelo nome o Sady, o Severo etc. É que eles foram criados juntos, como eu fui criado junto com os negros da minha época: amigos de caçadas, pescarias e de todo o tipo de brincadeira e trabalho. Botavam a gente no serviço, e parêlho. Havia muito agregado, pardos. Os agregados de vez em quando prestavam algum serviço à fazenda. Tinham uma lavoura de subsistência, porco no chiqueiro e vaca de leite. Trabalhavam para as colônias, em roda e outros serviços eventuais, poucos. O José Faceiro, bem preto, morava na divisa com a Abissínia. Montava uma mula. Quando ia fazer algumas compras em Pinheiro Mercado, bebia muito na bodega. Muita vez, depois de uma ou duas léguas caía da mula e ficava dormindo na macega. A mula não saía de perto dele. Ficava cuidando.

Em 10/02/08 fui a Encruzilhada do Sul, berço de guerreiros negros, ao tempo das conquistas. O Rio Grande do Sul é brasileiro graças as guerreiros negros de Canguçu e Encruzilhada de Santa Bárbara. No dizer de um sargento espanhol poeta *“um horror de negros valientes que el*

temor no conociam”. Constituíam a força militar comandada por Rafael Pinto Bandeira, a maior espada do Rio Grande do Sul. Sob o comando da espada de Rafael um punhado de negros, que não contavam cem, paralisou o maior exército espanhol que invadiu o Brasil para recuperar a posse deste chão para a Espanha. A Lei não permite que se distinga cor ou raça aos que estão a serviço da Pátria. Mas, abro um parêntese para acrescentar à conhecida expressão gaúcha “O RS foi conquistado a pata de cavalos e as fronteiras foram traçadas a ponta de lanças” por um horror de negros valientes que el temor no conociam, que não contavam cem.

Resumindo a história da conquista: Rafael, por ordem do Rio de Janeiro fez guerra de guerrilhas assaltando o exército espanhol à noite, nos passos de rios, e nos acampamentos deixou-o sem cavalos para a remonta e sem gado para o sustento. Os heróicos e invencíveis lanceiros gaúchos que expulsaram os espanhóis e garantiram a posse deste chão ao Brasil, sob o comando de Rafael Pinto Bandeira; que venceram o combate de Seival sob o comando de Souza Neto e proclamaram a República Rio Grandense; que enfrentaram o exército do Barão de Caxias em Porongos sob o Comando do Cel. Teixeira Nunes e garantiram a paz honrosa aos farroupilhas eram gaúchos negros. Neste combate, diante da do ataque de surpresa dos imperiais “o exército, como por encanto, se dissolve arrastando consigo ainda os que querem lutar”¹². E ainda acrescento: os lanceiros negros gaúchos nunca foram derrotados. Muitos morreram no combate de Porongos, mas Caxias assinou o tratado de Paz. O objetivo militar fora alcançado. O sacrifício de Teixeira Nunes não foi em vão.

E vem-me à mente o negro Henrique Dias vencendo a batalha dos Guararapes expulsando os holandeses do Brasil, e duzentos anos depois os Henriques desembarcando no Rio Grande do Sul para combater os Farroupilhas. Não chegaram a lutar. Olho o mapa do Brasil e vejo os Henriques, por séculos, lutando em todas as frentes de batalha; do mar, os

¹² BENTO, Claudio Moreira. **O Negro e Descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975)**. Porto Alegre: Grafosul, 1976, p. 173.

navios de guerra vindo para o cerco de Uruguaiana tripulados pelos zuavos, todos negros pretos retintos do comandante ao faxineiro. A mais bela e disciplinada força militar brasileira, na observação do Conde D'Eu, em Viagem Militar ao Rio Grande do Sul, p. 135.

Voltando ao assunto inicial. Assando uma carne lá em encruzilhada, a conversa despertou-me a curiosidade de conhecer o quilombo que lá existe. Domingo à tarde, fomos até a casa do Guabiju, conhecedor da região. A filha dele nos atendeu. O pai está dançando no clube. Todas as tarde de domingo ele passa dançando com o grupo da terceira idade. Marcamos para o outro dia.

Guiados pelo Gubiju e um outro negro de nome Air que morava na quadra e que encontramos no caminho chegamos ao nosso objetivo. Em conversa, ainda no auto, perguntei ao Guabiju, o que é um quilombo? Quilombo é uma comunidade de negros. O que é uma quadra? É a área de terra onde a comunidade fica. E senzala? Senzala é cadeia de negros. Negro que não se comportasse botavam na senzala.

Recebeu-nos o líder do quilombo José Acilon, intelectualmente bem dotado, mas reservado. Conversamos muito e colhemos pouco. Eles nada sabiam do passado glorioso dos seus ancestrais. Antes de entrarmos para o quilombo chegamos a uma primeira casa a pedir informações. O negro que lá estava fugiu correndo tudo direito ao mato. Porque o negro fugiu, seu Acilon? Eles têm medo. No passado vinham pegar os negros para levá-los como bucha de canhão. Minha avó contava que de 16 anos para acima levavam todos. Levavam tudo homem, cavalo ... Eles ainda têm isso na memória. Do fazendeiro os negros não sofriam maus tratos. Eu conheci muito minha avó, que morava aqui, ao lado onde moro. Ela nunca falou nada. Ela era escrava e morava aqui? É, sempre morou. O Guabiju interrompeu para contar que os negros da canela fina valiam mais, por isso o patrão tirava cria deles com as negras. Lembrei-me do Idalino, lá em Pinheiro Marcado.

No mesmo dia, a tarde, fomo visitar a grande fazenda onde morou o 1º Bispo do Rio Grande do Sul D. Feliciano Rodrigues Prates.

A casa estava fechada. Tudo é conservado como foi louça, toalhas, móveis etc. A capela construída pelo Bispo está intacta. Ao lado da casa, a poucos metros, estava o sinal da senzala. Medi seis passos por nove. Mas o Guabiju me informou que há uma fazenda em Encruzilhada onde os negros eram castigados.

III O NEGRO NAS FAZENDAS

1. A NEGRA DORVALINA

Contam ..

Eu só ia no colo da Maria, minha irmã, e da tia Dorva. Nós éramos nove irmãos. A piaçada ia muito parar na casa da vovó Carolina. Havia mais espaço.

Não me lembro de ter visto a vovó mandar a Dorvalina fazer alguma coisa. A tia Dorva me deu uma galinha amarela de rabo torto. Quando ia para lá, no verão, eu ficava esperando a hora da rabo torto botar o ovo. Às vezes, até aparava o ovo e levava para a tia Dorva fazer uma gemada para eu. Maiorzito, mal tomava o café da manhã ... após um copo de leite na mangueira, um revirado da sobra da janta com ovos fritos e muita banha para dar sustança sentava à mesa para tomar um café com leite e rosquinhas de polvilho, que o pão, feito uma vez por semana, durava pouco.

Voltando ao mundo do meus oito anos, ainda vejo a negra Dorvalina batendo uma gemada para eu. E me vem à mente o poema de Manoel Bandeira IRENE

NO CÉU:

IRENE PRETA

Irene boa

Irene sempre de bom humor

Imagino Irene entrando no céu:

- Licença, meu branco!

E São Pedro bonachão:

- Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

As negras Maria e Dina tiravam os pinicos pela manhã e cuidavam da limpeza da casa, passar roupas e lavar os pratos,descascar mandioca

tudo sob o olhar atento da tia Dorva. As roupas eram levadas por um piá em duas enormes trouxas postas sobre o lombo de um cavalo bem manso. Se caísse uma trouxa daquelas na macega era só chamando um homem para repô-la sobre o lombo do cavalo. Nunca vi nem ouvi minha vó gritando com uma negra. Eram como se fossem filhas dela. Ralhava, às vezes.

Um negro alto, beijudo, nariz achatado de vez em quando aparecia lá pela fazenda, e pousava. Uma noite, a negra Maria desapareceu com o negro beijudo. Fizeram uma casinha de madeira bruta no fundo da lavoura para a tia Dorva morar e proibiram as crianças de ir lá. Morreu de tuberculose.

A vovó Carolina mandou chamar a negra Zebinha para tomar conta da cozinha. Era uma negra alta, esbelta muito preta. Ela tinha três filhos que trabalhavam na fazenda, mais o Leodônio, piá como eu e meu companheiro. Todos puro sangue africano.

Zebinha hoje você faça ... Eh, ah siá Carula, já vem a senhora dizer Zebinha você hoje faça feijão, arroz, mandioca, abóbora .. Negro qué carne, negro come carne, siá Carula ... Faça o que eu mando, diabo!

Que nada, a Zebinha cozinhava para os negros, os filhos dela. E negro sabe fazer comida saborosa com poucos recursos. Nas fazendas serranas a comida sempre foi a mesma para todos. Mesa, pratos e talheres eram os mesmos, apenas serviam a primeira mesa para os da casa, depois para os do Galpão.

2. O NEGRO TIO MAIA

O negro Amador foi criado dentro da casa de vovó Carolina com meu irmão mais novo, o Mário. Chamava todos os piás de menino. O tio lembra o Pelé com olhos menores. Fisicamente era o Pelé.

Menino vá recolher os cavalos que você hoje vai camperear comigo. Recomendou: pra recolher ponta de cavalos, menino, a gente toca correndo, senão esparrama. Continuou tomando mate e baforando aquele baita cigarro de palha inteira. Este negro não tirava o cigarro da boca, chegasse quem chegasse. O cigarro não era um vício, fazia parte dele. Fumo e avios sempre no bolso. Mal tirava um cigarro da boca já tirava o fumo do bolso e começava a picar, sem pressa. Fazer um cigarro de palha daquele tamanho, mantê-lo aceso na boca era uma ciência. Fazia parte da ciência acender no isqueiro, mesmo quando sentado na frente do brasedo do galpão. Puxava do bolso o isqueiro de ponta de guampa, segurava firme a pedra fogo contra e batia forte com o fuzil. Delicadamente encostava a ponta do palheiro na isca acesa.

Encilhe esse cavalo bragado que é de confiança, que eu vou encilhar aquela égua moura louca, que nunca se amansa. Tem cinco cavalos na mangueira, tio Maia, escolha outro. Não são dos meus arreios. Hoje nós vamos só olhar o gado.

Encilhou a moura e puxou cortinho para um lado e outro, a ver se ela afrouxava o lombo. Tio Maia botou o cigarrão no canto da boca e chamou, venha cá menino. Eu vou colocar essa louca contra a parede da estrebaria, e você encoste o bragado e segure firme no buçal.

Montou, a égua estremeceu, mas o Mário não afrouxou. A moura saiu devagarito e assim foi até que o lombo afrouxou. Lá pelas tantas, o cigarrão apagou. Não é que o negro inventa de reacender o toco do palheiro? Ao tirar os avios do bolso, o fuzil escapou e ele tapeou com força sobre a bombacha. Pra quê! A égua deu um berro e o negro sumiu, mas não largou o cabo do buçal, aquele animal berrando, o negro foi se virando, se virando e levantou-se. Pegou o mango pela tala e fincou o

cabo entre as orelhas da égua. Ficou ela deitada. Os avios de fumar estavam firmes na mão. Colocou-os no bolso e foi ver o acontecido. Ele havia ensebado as guascas e não abotoara o loro. Abotoou o loro, acendeu o toco do cigarro, montou e esporeou; surrou a moura até que ela parasse de cabeça baixa.

Já velhusco para doma, pediu e ganhou uma colônia de mato e nunca mais apareceu.

Um dia, muitos anos depois, o Mário foi visitá-lo. Tio Maia, velhinho, estava sentado perto do fogo com o palheiro na boca. Não mais se lembrava do menino que o acompanhara como uma sombra nas domas e lidas do campo.

3. O NEGRO BASTIÃO

A criança quando nasce vem do céu. Deus Pai criou a terra para que seus filhos se criassem em um paraíso. O Filho de Deus feito carne, Jesus de Nazaré, veio a terra lembra que o céu e o inferno estão dentro de nós. Mas deu a opção de escolhermos para onde queremos ir após a morte ou céu ou inferno. A criança não em opção veio do seio de Deus Pai e continua no seio da mãe até os oito anos de idade. É nesta idade que ela nasce para a vida terrestre, sabiamente cantada pelo poeta: “Ó que saudades que eu tenho da aurora da minha vida...”

O caso é que o negro Bastião não auroresceu, permaneceu sempre no seio de Deus, da mãe, da terra e viveu e habitou entre nós. Ele cuidava dos porcos, primeiro do meu tio Sady, depois veio cuidar da criação de porcos que a minha mãe teve em Pinheiro Marcado. Convivi com o Bastião desde que eu nasci até que ele voltou para o céu. Era um superdotado e me ensinava as histórias do Pedro Malasarte, enquanto cortávamos mandioca braba para as porcas de encerra. O rosto pretíssimo contrastava com os dentes alvíssimos, sempre a mostra pelo sorriso aberto.

À noite, ou íamos pescar jundiá ou caçar tatu, conforme a noite e a lua. Ele sabia tudo. Por mais escura que fosse a noite, ele caminhava firme direto a caseira o tatu: taqui! E largava os cachorros. Se íamos pescar já juntávamos umas bostas secas de vaca antes de entrar no mato. Cada piá ia com uma bosta na mão. Na barranca do poço de pescar, ele acendia fogo nas bostas, e a fumaça espantava os pernilongos.

Embora todos os negros criados nos campos da fazenda da vovó Carolina aprendessem a escrever e contar, o Bastião nunca aprendeu uma letra ou número, e no mundo dele nunca precisou dessas bobagens. Passou a vida em chiqueiros criando porcos. Olhava para as porcas de cria e dizia falta tal leitão ou tal porca.

Certa feita foi vender umas galinhas na bodega. Passou na casa do meu irmão Oscar para perguntar o preço. –Três mil réis cada galinha, Bastião. Dali a pouco voltou ele com as galinhas ... O seu Ernesto queria me pagar cinco!

Teve 16 filhos com a negra Lia. Fez o parto de todos. Criou-os todos com saúde. Bom pediatra e ótimo puericultor foi o Bastião. Conhecia todas as ervas e plantas medicinais. Benzia com fé. Sempre cultivou um pé de arruda no lado direito da porta da frente.

Já estudante de medicina, cheguei a Pinheiro Marcado e fui direto para o chiqueiro conversar com Bastião. Conversávamos com o Mário sobre comunistas. O Bastião perguntou-me o que é um comunista. Respondi, um homem que não acredita em Deus. Ah, não pode! De Jeito nenhum! Essa tu não me *aprica*, Ari. Não hay no mundo um homem que não acredite em Deus!

O bastião continua morando onde sempre habitou, no Reino de Deus.

4. O NEGRO DOFE

Nas fazendas serranas os homens levantavam-se um pouco antes de o sol nascer. Lá no tio Nestor era o negro Dofe o primeiro a entrar no galpão, bater os tições para espertar as brasas e ativar o fogo de chão. Morava a cerca de uns três quilômetros, bem no repecho da coxilha, próximo a uma restinga com bom olho d'água e fatura de lenha. Tinha dois filhos - o Peri e o João. Nós íamos brincar a tarde, e a Licínia, esposa do Dofe, servia-nos chá de cidreira com bolinhos fritos de farinha de milho. Eram famosos os bolinhos da Licínia; minhas primas vinham tomar o café da tarde com ela e comer bolinhos.

O Dofe vinha para o serviço sempre de pés descalços, por mais que fosse frio e por maior que fosse a geada; bombacha arregaçada para não molhar no sereno. Gostava de chimarrear na madrugada e pitar um palheiro de respeito, antes de o tio Nestor sentar em roda do fogo. Depois que o tio chegava não mais se fumava. Era falta de respeito. Sério, de pouca conversa era o negro Dofe. Mateando com os outros peões, aguardava o clarear do dia. Peão caseiro, era o primeiro a começar a trabalhar, tirar leite para o café da manhã, enquanto a tia Angélica preparava o revirado de feijão com banha e ovos fritos a ser comido antes o café, que a manhã era longa. Só a tia Maria Cândida chamava tia Angélica pelo nome Angelina. O mesmo ocorria com o marido dela, o tio Pedro, João Pedro.

O Dofe não era um negro campeiro e não sabia nadar, o que lhe custou muitos dissabores. A horta estava seca e o poço com pouca água. O Dofe foi de carroça encher a pipa no olho d'água do piquete, todo desbarrancado pelos cascos dos cavalos. Não sei que manobra ele fez com a carroça que esta virou de borco sobre o olho d'água. Demora que demora, foram atrás. Encontraram a carroça virada e o Dofe em baixo, com a cara grudada no fundo da caixa, o quanto podia respirar. Foi um rebuliço para erguer a carroça e o Dofe sair de baixo.

Como não era campeiro, não tinha cavalo de encilha. Em um dia de rodeio encilhou um cavalo negador de estrivo. O muito matear da madrugada obrigou-o a apeiar para se desapertar. Com medo do cavalo, apeou perto de outro olho d'água desbarrancado. Para montar colocou o cavalo sobre o barranco. Pois não é que ao alçar a perna o cavalo negou-se por baixo e o Dofe passou por cima, caindo de bico no olho d'água.

Os rodeios ficavam sempre perto de uma lagoa para o gado tomar água depois de comer sal. Em um dia de lidas, um boi disparou costeando a lagoa. O Dofe arremeteu o cavalo para cortar a fuga do boi e lá se sumiram dentro d'água, perto da taipa do açude, boi, cavalo e Dofe. O negro Júlio, domador da fazenda, rápido nas decisões, sabendo que o Dofe não nadava, esporeou o cavalo e buscou o Dofe, arrastando-o para a taipa do açude. O Dofe se levantou estonteado, deu uma tastavilhada e emborcou para dentro do açude de novo. O Julio pegou-o pelo fundilho da bombacha e arrastou-o para o seco. Ficou ele ali se olhando e passando a mão na bunda: o boi me pegou, Antônio. Não pegou nada, foi o Júlio. Negro sem vergonha, não respeita os homens!

Depois de velho, em dia frio de inverno, bem encapotado o Dofe tomou um trago na bodega e foi para casa. No outro dia, com a cara enterrada no barro do açude, o Dofe foi encontrado morto. Era azarado com água, o Dofe.

5. NEGRO DOMADOR

Olhando as páginas do tempo da escravidão nas estâncias gaúchas, a 120 anos, encontro os mesmos negros domando potros nos campos de Piratini.

“Seidler, (O alemão Carlos Seidler já citado) em viagem de Piratini a Pelotas, perdeu-se cerca de umas três léguas após sair de Piratini. Eis que em boa hora chega um jovem negro, num cavalo negro quase totalmente redomão em louca disparada, e à promessa de pequena gorjeta

se dispões a me acompanhar.

O cavalo do jovem negro, mal domado, mas feroso e forte, ao invés de freio na boca trazia apenas uma tira de corda trançada de couro de boi.

O animal, ao longo do caminho, ia corcoveando de modo que a cada instante eu temia que meu companheiro negro fosse arremessado longe, por cima da cabeça do cavalo selvagem, especialmente porque o cavaleiro não se mantinha direito, mas se entregava ao balanço, como um bêbado a dançar na corda.

Mas foram baldados todos os esforços do redomão. O ginete negro, em movimentos balanceados, mantinha-se a cavalo e se bem que não pudesse acompanhar-me, ao passo, ele recuperava, na corrida, a distância que perdia durante os debates cavalo e cavaleiro.

Ora encurtando ora dando rédeas, ele ficava constantemente para trás, mas quase sempre passava a minha frente, até que avistamos a estância do capitão Romão ..., apontando-ma com o dedo e logo retomando como um pé de vento, pelo ínvio caminho por onde viemos".

Este ginete negro lembra o jovem escravo João Batista do conto regionalista de Barbosa Lessa intitulado "Cabos Negros", que se desenvolve na mesma região geográfica e que é transcrito ao final desse trabalho.

Tradicionalmente, a profissão de domador, pelo menos nas – Serras do Sudeste, tem sido quase monopólio dos africanos negros e descendentes.

Quando escravos, como uma forma de através da vitória sobre o perigo e o medo, ao domarem um cavalo bagual, conhecerem momentos de respeito, admiração e, principalmente, de liberdade mais ampla na largueza dos horizontes do Rio Grande do Sul, como foi o caso do jovem guia de Seidler, vagando distante das casas da estância, no exercício de seu ofício."

Prosseguindo sua viagem Seidler hospedou-se em Capão do Leão na única hospedaria ali existente. "O dono, um mulato alto e forte, em que, pelo rosto e barriga cheios, se via claramente o bom humor e a íntima satisfação, aproximou-se de mim amavelmente e, como se já me conhecesse de outrora, a minha chegada lhe pareceu bem-vinda, pois logo me prometeu hospedar-me o melhor que pudesse e gratuitamente".¹³

6. O NEGRO IZÁ

O Cel José Sampaio, tio Nhonhô, tinha uma negrada na fazenda dele. Era uma negrada pavena, criada com arma na mão e revólver na cintura, acostumada a acompanhar-lo nas revoluções. Ginete, se era! Todos, aliás. Até as negras. Certa feita chegou um gaúcho dos quatro costados, atrasado para a lida de campo. Chegou mandando, peguem um cavalo bom para eu camperiar. Umas das negras foi à mangueira embuçalou um, encilhou-o e ofereceu a rédea para o gaúcho mandão, dizendo – é o melhor que tem. Mas o gaúcho conhecia cavalo; virou-se para a negra e gritou - monte você, negra! A negra montou, cerrou os garrãos e baixou o mango. O cavalo corcoveou uma barbaridade. A negra parecia que estava grudada no lombo do cavalo. Depois deu umas escaramuçadas, veio a galope, esbarrou na frente do homem, boleou a perna de mandou - pode montar que eu garanto. Virou folclore na região. Ouvi vezes e vezes.

Os negros do tio Nhonhô de vez enquanto vinham ao povoado. O delegado, seu Jocelin, morava bem na entrada do povoado, onde ainda hoje estão lá o umbu e a touceira taquara. A negrada ao passar em frente da casa do delgado fazia mourisquetas, e dava tiros de revolver para cima. Depois entrava em Pinheiro Marcado.

¹³ BENTO, Cláudio Moreira. **O negro e Descendentes na Sociedade do rio grande do sul (1635-1975)**. Porto Alegre: Grafosul, Instituto Estadual do Livro, 1976. p. 143.

Seu Jocelin, preocupado o comportamento dos negros no povoado, chamava a Negra, a filha dele: Vá buscar meu cavalo no potreiro e encilhe. Esses negros ainda vão fazer alguma coisa. Antes, aquece a água e me faça um mate.

Chegava no povoado e perguntava: Onde está a negrada do Sampaio. Já foi embora. Um dia eu ainda boto esses negros do José Sampaio na cadeia.

O Cel. Sampaio construiu uma casa de material bem ao lado da casa da minha mãe. As irmãs se conversavam da janela.

Havia dois negros que eram dodói da fazenda - o Izá Burquia e o Izá Grande -, negros criados cheios de mimos. Estes não iam para as revoluções. O Burquia ficava cuidando da Casa, o Grande, dos campos.

Enquanto viveu, todos os meses o Izá Burquia vinha da fazenda das Tesouras a Pinheiro Mercado a pé e ficava uma semana com a tia Anália sentadinho no galpãozinho de chão batido pitando e tomando mate em roda do fogo. Não saía. No galpãozinho havia um quarto para ele dormir. Era tão preto tio Izá e tinha uma cara tão boa que eu sentava com ele em roda do fogo e ficava olhando... O pé dele era bem pequeno e o dedão tão afastado que dava para botar um dedo no meio.

O Izá Grande, acho que nunca saiu da fazenda, a não ser tropeando gado vacum. Contam que o Iza Grande sempre dizia: eu não quero sair daqui, e quero morrer tocando uma tropa de bois.

Um dia, ao sair com uma tropa, ao passar a porteira um boi refugou. O Izá Grande deu de rédeas no cavalo e esporeou-o pra atacar o boi. Caiu morto do cavalo.

7. O NEGRO JOÃO PEDRO

Tio Pedro andava sempre em roda de casa, sem chapéu, calças arregaçadas à meia canela, mostrando uma delas curvada para frente no 1/3 inferior, fruto de uma fratura, ficou assim como um nariz bem recurvado. Seu rosto lembra o ator negro estadunidense Morgan Freeman.

Vivia com uma criança no colo ou em roda dele. Filhos dos outros - que ele não os teve. Discutia com a criançada, ameaçava, ensinava. Ensinava todos os não presta: não presta fazer mistura de frutas no estômago; não presta barrer o galpão quando se está nele; não presta deixar calçado com a sola virada prá riba; não se pincha sujeira pela janela; não se barre o pátio prá frente da casa; não se chega por trás de animal; não se cruza rio com animal mordido de cobra, senão a benzedura não pega; não se entra em banhado sem se benzer - "São Braz, São Bento, me livre das cobras e dos bichos peçonhentos"; benzedura para tirar cisco dos olhos - "Santa Luzia passou por aqui, com seu cavalinho, comendo capim" ... e vai-se esfregando o olho, com o dedo, em movimento circular; não se deixa derramar leite na chapa quente senão racha as tetas da vaca; não se cura nem se castra animal na boca da noite, senão ele areja; não se sai no vento frio com o corpo quente do fogo.

Um sem fim de não presta e tabus mantinham a gurizada dentro dos bons princípios e formavam a alma do gauchinho. E, o respeito pelos mais velhos e pelo patrão.

Os tabus e os não presta não são fruto da ignorância como muitos pensam. São o fruto da sabedoria milenar que usa a crença como sustentáculo para a educação das crianças. A crença e o medo: fundamentos da alma humana.

Os peões das fazendas "serranas" tinham um tão profundo respeito pelo fazendeiro, que eram capazes de botar um cigarro aceso no bolso, esmagando-o com a mão, se surpreendidos fumando: não se fuma na frente do patrão, não se fuma na frente dos mais velhos. Aos pais, tios, avós dá-se louvado; pede-se a bênção.

Tio Pedro reunia os pretinhos, mulatinhos e caboclinhos filhos de peões ou de agregados e ensinava-lhes: “Venham cá, vocês têm que aprender enquanto eu estou vivo. E ensinava as luas: quando se planta, quando se colhe, quando se corta uma árvore, como se faz um acero e como e quando se bota fogo no campo”.

Quando se amansa cavalo, boi de canga e vaca prá leite; o que se deve e o que não se deve fazer em qualquer circunstância. Ensinava a benzer a apenas alguns e a todos o uso de ervas, raízes, casca de árvores: como se colhia, em que época, em que lua e a serventia de cada uma delas. Tomava conta da criançada, acobertava a rapaziada que de noite fugia ... e voltava de madrugada.

O negro Tio Pedro foi um educador familiar.

Os “Tio Anastácio” e o “Seu Esmelindro” não são figuras meramente poéticas... Tio Simão Velho andou até na Argentina em 93 e contava os causos em roda do fogo.

Tio Pedro encilhava cavalos mansos para as moças passearem e acompanhava-as pelo campo, ou quando iam comer uvaia, pitanga, cereja, guabijú, guamirim, veludinho, sete capote ou araçá do campo, ou quando iam tornar o café da tarde, com bolinhos fritos de farinha de milho, na casa de algum agregado - o que dava muita alegria à dona da casa.

Quando tia Maria Cândida tomava sua sombrinha e subia na aranha para fazer compras em Pinheiro Mercado, tio Pedro a acompanhava a cavalo, a certa distância, cuidando da patroa.

A figura do capataz de estância era desnecessária nas fazendas "serranas", uma vez que o fazendeiro dava todas as ordens e lá residia. Existiram esses pretos velhos, conselheiros das crianças, dos rapazes, confidentes das moças, do patrão e da patroa, que na ausência do patrão, mandavam, mandavam em todos. Tio Pedro não andava de auto.

Quando o Antonio casou e foi morar em Santo Antonio, município de Ibirubá, ele ia visitá-lo a cavalo.

- João Pedro, eu vou mandar te levar de auto ...

- Não carece, seu Nestor. Eu vou a cavalo mesmo. Saio amanhã cedinho e depois de amanhã eu chego lá.

Auto é coisa de louco, dizia ele. "A gente sobe em riba dessa coisa e sai numa corrida de louco, não vê nada, não fala com ninguém, nem um adeus prá um conhecido a gente pode dizer. A gente cruza pelos viventes que nem vê. Quando vê ... já cruzou".

- Não, de auto eu não vou ... Não carece seu Nestor, não carece.

...

- Amanhã cedo eu encilho e vou sestear lá no fulano. Tomo uns mates com ele, proseio, almoço e vou pousar lá no beltrano. E na estrada a gente encontra muitos conhecidos. Proseia, fica sabendo da família, como é que vão as coisas e segue. Vê os gados como é que estão, os campos, as aguadas e se não há aftosa aí por perto. Passa aquelas colônias, vê como é que vão as plantas e o que essa colonada anda inzonhando. Essa gente de "origem" é desgranada prá inventar, novidades ... parece ovelha bichada no ouvido, não têm sossego.

Bem vestido, bombacha sem remendo, camisa branca de gola, lenço encarnado caindo nos ombros, chapéu de feltro de abas médias, esporas de papagaio curto e roseta pequena, pala para se abrigar do calor do sol ou do rigor do frio, poncho na garupa por segurança, badana à mode os pelegos não esquentarem as pernas, lá se ia o preto velho. Não era mais aquele que se via cruzando o pátio com a calça arregaçada e um cesto de milho seco no-ombro.

Andar de auto... coisa de louco ...!

Ele sabia que quando chegasse à porteira do corredor seria reconhecido: Lá vem o tio Pedro! A Maria Alice sairia correndo tudo, com o cabelinho cor de barba-de-bode madura, voando pela estradinha. Ele apearia do cavalo, esperando-a de cócoras, braços abertos. Depois de um longo abraço, punha a menina no cavalo. Montava. Não tinha pressa. Tudo o que ele mais queria no mundo estava em seu colo.

8. O NEGRO NAS ESTÂNCIAS

Se os fazendeiros serranos mantinham os negros junto às famílias e tratados como familiares, também estancieiros mantinham os negros como companheiros de trabalho, embora com um tratamento um pouco diferenciado. Assim como ainda hoje, os estancieiros mantiveram e mantêm as pessoas do galpão, no galpão.

Os peões em regime de escravidão trabalhavam lado a lado nas lidas campeiras com os estancieiros, assim o serviço da pecuária extensiva exige. É secular o guarda fogo nos galpões fronteiristas. Foi hábito até os meus dias a carne assada no braseado dos galpões. O campeiro se levanta, toma chimarrão, come carne, encilha o cavalo, bota um naco de carne na mala da garupa e sai para o trabalho campeiro. Ao meio dia come o assado, bebe água da sanga, sesteia a sombra de uma árvore, e continua a campear até o retorno ao galpão, com a missão cumprida.

E por esse estilo de vida que levavam os negros que trabalhavam nas estâncias é que foram recrutados para os Corpos de Lanceiros Negros.

“Os lanceiros negros em sua grade maioria, foram recrutados entre os negros campeiros e domadores da atual Zona Sul do Estado e nessas funções amavam a liberdade, acostumados que estavam a movimentar-se dentro da amplidão dos horizontes da terra gaúcha, nas lides pecuárias”.

IV O NEGRO NA CONQUISTA E DEFESA
DO RIO GRANDE DO SUL HERÓICO
(1725 – 1879)

1 O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL

A presença mais remota do negro na conquista do RS é na bandeira de Raposo Tavares e em todas as bandeiras que conquistaram este território expulsando os espanhóis que aqui se estabeleceram em 1626, com a fundação da redução de São Nicolau pertencente à Província Jesuítica do Paraguai. São Nicolau e as demais reduções foram fundadas em pontos estratégicos para impedir a geopolítica de expansão do território brasileiro até o estuário do Prata.

Em 1680 Portugal fundou a Colônia do Santíssimo Sacramento, em frente a Buenos Aires, no atual território do Uruguai. Entre os fundadores: a expedição era composta por 200 militares, três padres e sessenta negros escravos,¹⁴ sem contar os negros e mulatos livres. Os negros e mulatos livres podiam ingressar nas forças do exército, compondo as valorosas milícias que tanto lutaram em todos os movimentos armados do Brasil

Quando Domingos Brito Peixoto recebeu a incumbência de fundar Laguna, em 1684, como ponto de apoio para a manutenção da conquista do território do Rio Grande do Sul e ponto de apoio para suprimento da Colônia do Santíssimo Sacramento vieram 10 brancos e 50 negros.

1.1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Portugal descobriu o Brasil, mas somente 30 anos depois decidiu povoá-lo. Nomeou Martin Afonso de Souza como governador do Brasil em 1530.

¹⁴ BENTO, Cláudio Moreira. Obra já citada, p 55.

Antes de Martin Afonso de Souza desembarcar para povoar o Brasil, em 1530, a ilha de Santa Catarina era o ponto de apoio para os navegadores que a serviço do rei da Espanha dirigiam-se para a exploração do rio de Solis, hoje rio do Prata, e para a penetração no território brasileiro em busca das minas de prata do Peru pelo milenar caminho do Peabiru – o lendário caminho de São Tomé - que se abre no Planalto de Piratininga - em Sorocaba - entre o divisor de águas do Tietê e o Paranapanema, e por onde se atinge os rios Tibagi, Ivaí, Piquiri e barrancas do Paraná -1.200 kms. – e leva ao coração da América do Sul, Assunção do Paraguai.

Vejamos a importância que o porto dos Patos, hoje ilha de Santa Catarina, teve na disputa territorial no Atlântico Sul: todos os navios que vinham a Espanha, tanto para ir em busca do Paraguai penetrando pelo rio da Prata, quanto para prosseguirem por terra, pelo Peabiru, também rumo ao Paraguai, ali paravam para se reabastecer de água e comida. Tanto quando chegavam da Espanha, quanto quando voltavam para a Espanha ali se abasteciam.

Juan Dias de Solis é considerado o descobridor do Rio da Prata, em 1516. Solis desembarcou do navio para entrar em contato com os índios charruas. Foi tocado pelos índios charruas, morto e por eles comido. *“Com Solis baixaram à terra o feitor, o contador e seis outros companheiros”*. Foram todos esquartejados, assados e comidos pelos índios charruas, a exceção do grumete Francisco Del Puerto, menor idade. Os charruas tinham a tradição de não matar crianças e adolescentes.

No regresso da frota, uma das caravelas naufragou. Quinze naufragos chegaram à terra. Estes naufragos atingiram a ilha de Santa Catarina (Porto dos Patos) e lá permaneceram. Tiveram um importantíssimo papel em todos os acontecimentos que se desenrolaram. Por muitos anos orientaram todas as expedições que se dirigiam ao Rio da Prata ou que buscavam o caminho do Peabiru. Entre eles estavam Henrique Montes, português, que mais tarde participou da fundação de Cananéia. Em Cananéia, lutando pelo Brasil morreu em combate com os

índios; Francisco Pacheco, português, mulato. Dele pode-se dizer, participou de tudo.

Presume-se que no ano de 1524, o português Aleixo Garcia comandou uma expedição pioneira para descobrir o caminho por terra entre Florianópolis e as minas de ouro do Peru. Francisco Pacheco participou da expedição. A expedição de Aleixo Garcia foi massacrada pelos índios. Francisco Pacheco escapou do massacre e voltou a Santa Catarina com algumas arrobas de ouro e prata.

Em 1530 regressou a Portugal com a esposa, filhos e índios escravos. As crônicas da época referem a um **negro** que ficou da armada de Solis que se chama **Pacheco**; Melchior Ramirez, espanhol. Em 1535, embarca, como escrivão da Armada de D. Pedro de Mendonza e participa da fundação de Buenos Aires, em 1536. Em 1537 Melchior participa da fundação de *Asunción* e lá termina seus dias trabalhando como escrivão.¹⁵

O negro Pacheco não foi único, mas foi o que se destacou como líder e orientador de todos quantos buscaram o reino da prata. Escreve Mosimann: “Francisco Pacheco que acompanhou Garcia sobreviveu ao massacre, retornado ao Porto dos Patos [ilha de Sta. Catarina] com alguns índios, uma pequena quantidade de prata e toda uma história para contar. [...] Contrariando Pero Hernández e os autores que nele se apóiam, o simpático mulato retornou ao Porto dos Patos, sendo aquele que relatou toda a história da jornada aos demais”.¹⁶

Mosimann esclarece o verdadeiro descobridor do caminho de Peabiru: “Pedro de Orantes, com quatro brancos, um negro, três índios carregando provisões, e mais dois como guias foi encarregado de descobrir o caminho para *Asunción*, por onde Garcia entrou”.¹⁷

¹⁵ MOSIMANN, João Carlos. **Porto dos Patos, 1502-1582**, Edição do autor - 2002

¹⁶ MOSIMANN, p. 120.

¹⁷ Idem, p. 148.

Após três meses e meio Orantes e o negro Pacheco retornaram a Santa Catarina. De posse das informações de Orantes e do negro Pacheco, em 1542, Cabeza de Vaca por esse caminho chega a Asunción após 130 dias de caminhada. Sobre o fato de quem orientou Cabeza de Vaca, escreve o governador do Paraguai Domingos Martínez Yrala ao rei da Espanha, “... um esclavo que havia sido de um garcia cristiano que llevo a ysla de santa catalina certa cantidad de metal.../los envio por el camino que garcia vino.”¹⁸

1.2. RIO DE NEGROS: aspectos geográficos

O primeiro acidente geográfico denominado Negros encontrei no mapa de Del Cano, piloto que partiu com Magalhães para a primeira viagem ao redor do mundo e único que retornou com vida a sua terra natal. No mapa, Del Cano coloca o meridiano de Tordesilhas a oeste da ilha dos lobos, altura de Punta del Este. Neste mapa encontramos a denominação do *r.[rio] de negros*, onde mais tarde teríamos o Rio Grande de São Pedro. Nada encontrei que justificasse essa denominação dada naquela época.

Este mapa revela dois fatos históricos muito importantes:

O primeiro é o fato a que se refere o cartógrafo português Max Justo Guedes: “Estava em andamento, portanto, na cartografia portuguesa (que, evidentemente, serviu a Jorge Reinel) a gigantesca falsificação cartográfica destinada a colocar o rio da Prata e todo o sul do Brasil na jurisdição lusitana, conseqüência dos descobrimentos do famoso estuário,

¹⁸ Idem, p. 114.

em 1514, pela expedição armada por D. Nuno Manuel e Cristóbal de Haro, da qual participara o famoso piloto João de Lisboa¹⁹.

O segundo fato é imprecisão das cartas geográficas da época. Isso ocorria porque os primeiros navegadores não sabiam medir a longitude, isto é, não sabiam a que distância estava do porto de partida. Primeiramente, nos mapas portulanos (mapas de porto a porto), navegava-se com a agulha magnética. Eram cartas de rumos e de escalas constantes, medidas em milhas numa só escala em todo o plano da carta. Com a escola de Sagres nasceram as cartas de marear, usando a posição dos astros, as quais davam a latitude com razoável precisão. O problema da longitude só foi resolvido a partir de 1800, quando foi inventado o cronometro. Por sugestão dos Estados Unidos, o ponto de partida para medir a longitude foi o meridiano de Greenwich, que passa pela cidade do mesmo nome, na Inglaterra. E nada sabiam sobre a declinação magnética.

O Brasil só aderiu a essa convenção internacional em 2002, por decisão do Presidente Fernando Henrique Cardoso.

A medição da latitude, distância de um ponto em relação alinhado do Equador, foi acertada pelo Tratado de Alcáçovas. Em 1479 a Espanha reconheceu o direito de Portugal de posse das “das ilhas Canárias para baixo contra a Guiné”. D. João II mandou Diogo Cão explorar os novos domínios. Longe da costa, Diogo Cão guiou-se pelos astros, dando início ao correto posicionamento latitudinal dos acidentes costeiros. Também se convencionou tomar como referência os acidentes geográficos conspícuos. Esses acidentes geográficos conspícuos ainda foram usados, 271 anos depois, no Tratado de Madri, em 1750. Neste caso, o acidente tomado para dividir as posses entre Espanha e Portugal foi o Rio Uruguai. Daí a necessidade de evacuar as missões jesuíticas do Paraguai situadas a margem esquerda do referido rio.

¹⁹ Tesouros da Cartografia Portuguesa. Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 6 de julho a 6 de agosto de 1997 no âmbito do XVII Congresso Internacional de História da Cartografia, p. 21.

Concluindo, além de revelar o intrigante acidente conspícuo *r. de negros*, o mapa de Del Cano reflete toda essa problemática da navegação que persistiu até a invenção do cronômetro, a possibilidade de determinar a declinação magnética e do tratado de Greenwich, em 1884.

1.3. O BERÇO DO GAÚCHO BRASILEIRO.

Após a fundação da Colônia do Sacramento (1680) e Laguna 1684, ficara o imenso vazio entre esses dois pontos. O governado de São Paulo, Rodrigo César de Menezes, ordenou ao capitão-mor de Laguna, Francisco Brito Peixoto que se trasladasse ao Rio Grande para povoação. B. Peixoto já idoso “deu a chefia da mesma a João de Magalhães, seu genro bastardo, a qual se internou (1725) pelo Continente e lá se conservou impedindo o passo aos castelhanos e Tapes a que não se introduzissem nas campanhas do Rio Grande, sendo a maior parte deste corpo homens pardos escravos do dito povoador”.²⁰

Expedição, conhecida como frota de João de Magalhães escolheu as barrancas do estreito, onde mais tarde nasceria S. Jose do Norte.

Sobre a composição da frota de Magalhães, escreve o Cel Cláudio Moreira Bento, Oficial do Exército Brasileiro Presidente da Academia Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições o Rio Grande do Sul. Autor do livro “O Negro e Descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul (1635 – 1975)”: “O depoimento sobre a Frota de Magalhães ser constituída em sua maior parte de homens pardos, escravos, é de Diogo Pinto do Rego, em 1750, sobrinho neto e herdeiro de Brito Peixoto, segundo Wiederspahn.”²¹

²⁰ César, Guilhermino, História do Rio Grande do Sul, Editora Globo – Porto Alegre, 1970

²¹ BENTO, Cláudio Moreira. Obra já citada. p. 58.

O general Borges Fortes cita documentos a que, ao lado das designações índios ou gentios, dão como constituição da Frota de João de Magalhães o seguinte: “Sendo a maior parte desse corpo homens pardos escravos do dito povoador [...] E logo despachou a mesma frota que levava de homens e seus escravos [...] Tendo a sua costa no Rio Grande de São Pedro seu genro João de Magalhães com alguns escravos seus”.²²

Borges Fortes Conclui: “Verifica-se que os 31 comandados de João de Magalhães eram principalmente seus próprios escravos e os de seu sogro, e na maioria homens pardos”.²³

E o Cel Bento arremata: “Dos trinta integrantes da Frota de João de Magalhães, 1725-27, que estabeleceram um acampamento em São José do Norte, cerca de 90%, eram africanos negros e descendentes [...] Sua tropa, em sua maioria negros e mestiços desta raça, habituou-se com a vida típica do Rio Grande do Sul de então, função de uma pecuária extrativa [...] Daí surgiu o negro campeiro, laçador, charqueador, churrasqueiro, lanceiro, balseiro, que prestaria, daí por diante, assinalados serviços à economia e História Militar do Rio Grande do Sul”.²⁴

Assim nasceram os primeiros gaúchos brasileiros.

1.4. A PARTICIPAÇÃO DO NEGRO NA FUNDAÇÃO DA COLÔNIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Os campos povoados de gado alçado à margem esquerda do rio da Prata não foram ocupados pela Espanha, debilitada que estava pela guerra contra a Holanda. Este sonho português vem de longe: “Na cartografia da América do Sul [Sec. XV] é particularmente curiosa a

²² FORTES, Borges. Obra. Local: editora, ano. p.

²³ Idem *ibid.* p. 32

²⁴ BENTO. Idem *ibidem* p. 32

demarcação dos territórios sob a influência portuguesa tendo por base o registo do rio da Prata, a sul, e do rio Amazonas, a norte. Com essas fronteiras naturais artificialmente delineadas, alguns geógrafos imaginativos procuraram constituir como que uma ilha num espaço continental”²⁵.

A suposta ilha dos cartografistas portugueses era formada a norte pelo mar até a foz do Amazonas; a sul pelo rio da Prata; a leste pelo mar e a oeste pelos rios Paraguai e Tocantins”²⁶.

Quando Martin Afonso de Souza veio povoar o Brasil trouxe em mãos carta onde D. João III colocando o limite sul do Brasil no estuário do Rio da Prata, hoje analisada pelo Gal. Meira Matos em discurso na Academia Militar Terrestre do Brasil com o título de Geopolítica de D. João III. Em cumprimento da ordem, Martin Afonso Souza mandou Pero Lopes de Souza cantar a quina portuguesa onde desemboca o Rio Paraná.

Os campos povoados de gado ficaram abandonados até que Portugal resolveu estender a ocupação do território até o estuário do rio da Prata, com a fundação da Colônia do Santíssimo Sacramento, em 1680, em momento político que a Espanha estava fraca.

“A expedição foi comandada por D. Manoel Lobo e constituída entre outros elementos, por 200 militares, 3 padres, **60 negros**, dos quais **41 escravos** do comandante, 6 mulheres índias e uma branca e índios. Os **negros** representam mais de 20% do total da expedição, não considerados nesta percentagem os **negros e mulatos livres soldados**.”²⁷

²⁵ Considerações histórico-geográficas, pg 65 Tesouros da Cartografia Portuguesa, Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre de Tombo, 6 de julho a 6 de Agosto de 1997.

²⁶ Anônimo- João Teixeira Albemaz I Carta Atlântica e do Pacífico Oriental. Idem, p.66.

²⁷ BENTO.1976. p. 49

1.5. QUANDO ENTROU O PRIMEIRO NEGRO NO ATUAL TERRITÓRIO DO RIO GRANDE DO SUL?

“É possível mesmo, que o Negro tivesse entrado anteriormente a esta data [1635], pois Jaime Cortesão observou que, por ocasião o assalto às missões jesuíticas do Rio Grande do Sul, por Raposo Tavares, já existiam entre os índios alguns mestiços, filhos de aventureiros paulistas e de Santa Catarina”.²⁸

São conhecidos da História os muitos naufrágios de navios espanhóis e portugueses na costa do rio Grande do Sul bem como de fugas de tripulantes que passaram a viver entre os índios, e com eles procriaram.

E continua o mesmo ator: “Ademais, Alcântara Machado, afirmou que Domingos Brito Peixoto, o Fundador de Laguna, dispôs para esta aventura, ... de vestuário e todo o mais necessário para o grande corpo formado de homens brancos, MULATOS E NEGROS ESCRAVOS ...” e prossegue ao falar do cabo de uma tropa de bandeira: “Seja pessoa de governança da era ou sertanista experiente e ilustre, que encabeça uma bandeira de grandes proporções, compostas de gente de qualidade, seja índio domesticado, que, *em troca de espingarda, vai a frente de meia dúzia de NEGROS, com armação alheia, para trazer ao patrão a gente adquirir.*”²⁹

É evidente que o negro estava presente em São Paulo há mais de um século. Corroborando a tese da presença significativa do NEGRO nas bandeiras, mormente na de Raposo Tavares, reportemo-nos na CONTRIBUIÇÃO MILITAR DO NEGRO NA GUERRA HOLANDESA, 1640, mesma época da expulsão das missões paraguaias do Rio Grande do Sul: “No período das bandeiras no sul, o Negro já desempenhava importante

²⁸ Idem ibid. p. 49

²⁹ Idem. ibid. p. 49

papel no Nordeste, para a expulsão o invasor holandês. O Próprio Raposo Tavares participou lado a lado com o já consagrado herói negro Henrique Dias, da célebre marcha de mais de 400 km. do Rio Grande do Norte até a Bahia, por território inimigo, ambos chefiados por Luiz Barbalho”.³⁰

Vale a pena umas linhas sobre os Henriques, batalhões de NEGROS organizados pelo negro Henrique Dias, que desde então participaram de todas as lutas pela integridade e independência do Brasil: “De quatro nações se compõe o meu regimento: MINAS, ARDAS, ANGOLAS E CRIoulos. Os últimos são tão malévolos que não temem nem devem. Os MINAS tão bravos que aonde não podem chegar com o braço, chegam com o nome. Os Ardas tão fogosos que tudo querem cortar de um só golpe e os ANGOLAS tão robustos que nenhum trabalho os cansa”³¹.

Diante de tais fatos e de tão valorosos guerreiros, parece-nos impossível que Raposo Tavares se esquecesse dos guerreiros negros em suas bandeiras de conquistas.

1.6. O NEGRO NA FUNDAÇÃO OFICIAL DA CIDADE DE RIO GRANDE.

O número oficial de pessoas presentes na fundação da Cidade de Rio Grande, 1737, de 160 do tropeiro Cristovam Pereira de Abreu e 260 homens desembarcados com Silva Pais, com certeza, os negros que há doze anos guarneciam o Estreito. Bem sabemos o alto número de afro-brasileiros na Marinha e como peão de tropas. Os tropeiros, certamente, logo seguiram seu rumo. Em seguida começou a chegar gente do Rio, São Paulo, Colônia do Sacramento e gaudérios com suas chinas, que há muito preavam gados nas Vacarias do Mar. Reforçando esta hipótese, escreve

³⁰ Bento, obra já citada, p. 52

³¹ BENTO. 1976. Idem p. 52. Reposta de Henrique Dias ao comandante dos exércitos holandeses, em 1647.

Guilhermino César: “Casais procedentes do Rio se deram o luxo em trazer consigo seus escravos negros, como os próprios expedicionários haviam feito. Soldados da Colônia do Sacramento, transferidos para a nova praça, iniciaram então os recém vindos nos misteres da preia, da marcação, da extração de couros, na doma e na condução das cavalhadas e muares”.³²

Fica claro que os membros da expedição que vieram para fundar Rio Grande trouxeram seus escravos, bem como a demais pessoas. A preia, a doma a carneação certamente não eram trabalhos executados pelos soldados de linha. Observemos o que escreve o historiador e sociólogo militar General Francisco de Paula Cidade, citado por Bento: “[...] desce, a partir dessa época, uma onda de pretos e mulatos sobre as campinas do sul. Em menos de um século já equivalem, em número, à metade dos habitantes brancos. Cruzam-se as três raças, e uma delas, notadamente pela raça branca, o que se explica bela beleza das *chinas*, mulheres que nascem de brancos com índias. Estes pretos vieram, principalmente, com os casais mandados para o Presídio de Rio Grande, da Colônia do Sacramento, Rio de Janeiro e Minas Gerais, ou com os povoadores paulistas, que, por conta própria, desceram ao Rio Grande a procura de “estância própria” e se estabeleceram entre os rios dos Sinos e Taquari e, temporariamente, entre o Rio Grande e o arroio Chuí”.³³

Arremata o Cel. Bento: “Cientificamente está provada a presença do negro entre as tropas do Brigadeiro José da Silva Pais, que fundou Rio Grande em 1737, e as do Cel. Cristóvão Pereira, que asseguraram em terra, condições para o desembarque de Silva Pais”.³⁴

³² CÉSAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970. p.

³³ BENTO. 1976. p.69

³⁴ Idem. *ibid.* p. 68

1.7 AS ESPOSAS DOS ESCRAVOS E DEMAIS NEGROS

ACOMPANHAVAM A TROPA DO EXÉRCITO DEMARCADOR DE GOMES FREIRE DE ANDRADE.

Treze anos após a fundação da cidade de Rio Grande foi assinado a tratado de Madri entre Espanha e Portugal. Este tratado anulou todos os anteriores. Recordando: “o meridiano fixado pela terceira INTER COETERA, de 1456, deveria situar-se a $(31^\circ + 5^\circ) = 36^\circ$ W. Gr. E 144° E: Gr. Ele abrangeria apenas uma estreita faixa de no máximo 100 quilômetros de largura no nordeste brasileiro³⁵”.

Os muitos protestos da diplomacia portuguesa conseguiram a assinatura de um novo tratado, o TRATADO DE TORESILHAS, em 1494. Este tratado ampliou de 100 para 370 léguas a serem medidas de uma das ilhas dos Açores. Com o tratado de Tordesilhas, Portugal ficou com uma faixa de território de uma linha partindo da foz do rio Amazonas a Laguna.

Entre esses dois documentos o primeiro emitido pelo PAPA, a Inter Coetra, e o segundo por um tratado entre Portugal e Espanha decorreram DUZENTOS E NOVENTA E QUATRO ANOS de lutas contínuas que o pequenino Portugal enfrentou para nos deixar esta imensa herança que é o Brasil de hoje. Sem contar as muitas guerras contra a França, a Holanda, e a Inglaterra aqui e no continente europeu, após esse tempo.

Pelo Tratado de Madri, artigo II a Espanha fica com as Filipinas e adjacentes; pelo artigo III Portugal fica “com tudo o que tem ocupado pelo rio Amazonas ou Marañon acima e o terreno de ambas as margens. Pelo artigo XIII, Portugal renuncia a Colônia do Sacramento, enquanto no artigo XIV a Espanha sede o território dos Sete Povos das Missões, de onde

³⁵ TOURINHO, Luiz Carlos. Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense – Segunda Partida demarcadora. Tratado de Madri de 1750“Estante Paranista “ 14 – 1982.

sairão os missionários com todos os móveis e efeitos, levando consigo os índios para aldear em outras terras da Espanha.

Os jesuítas da Província do Paraguai não saíram. Espanha e Portugal enviaram seus exércitos para desocupá-las, em ataque conjugado, sob o comando da Espanha. Os índios se postaram em linha, a distância de um tiro de mosquetão. Após muito parlamentarem sem sucesso, o comandante espanhol ordenou que os exércitos abrissem fogo.

O exército português era composto de 1.633 homens, dos quais 190 escravos que serviam em regimentos de Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande e outros sem distribuição declarada. “Não estão computados nesse número mulatos e negros forros (alforriados e libertos) que integravam o exército Demarcador”.³⁶

Fato interessante é que as esposas dos escravos e demais negros também acompanhavam seus maridos. Gomes Freire proibiu as mulheres de seguirem com a tropa. Como pena estabeleceu: Se mulatas e negras forras (livres) seriam marcadas no rosto. Se escravas, submetidas a leilão em praça pública.

1.7.1. A PRESENÇA DA MULHER NEGRA ACOMPANHANDO O EXÉRCITO DEMARCADOR

No Exército comandado por Gomes Freire de Andrade, para a execução do tratado de Madri, a **mulher negra** estava presente. Na época, era constante a presença de mulheres na retaguarda dos exércitos. A presença de muitas mulheres e filhos poderia dificultar a marcha. Ao partir de Rio Pardo, Gomes Freire, visando proibir a presença das mesmas na pretendida marcha do Exército de Rio Pardo para as Missões, através do Passo São Lourenço no Jacuí, baixou uma ordem, em 28 de ago.

³⁶ BENTO.1976. p.70

de1754, quatro dias após iniciar a marcha com destino ao Passo de São Lourenço, no primeiro acampamento, chamado de São Luiz.³⁷

O General Gomes Freire baixou a ordem de que mulher nenhuma seguisse o Exército. Como pena para a inobservância de sua ordem estabeleceu: “Se forem casadas seriam condenadas a um ano de prisão. Se mulher nobre, a multa de 400 réis. Se **mulatas e negras forras** (livres), seriam marcadas no rosto. **Se escravas**, submetidas a leilão em praça pública.”³⁸

Isto prova a presença de mulheres acompanhando o Exército, de **negras libertas e escravas, e mulatas** de igual forma. Somente em 1864, quando o Exército Brasileiro internou-se no Uruguai na guerra contra Aguirre, o General Osório levantou a proibição de que as mulheres seguissem seus maridos e companheiros, na retaguarda do Exército. Dionísio Cerqueira, veterano da Guerra do Paraguai, contou a seguinte passagem, quando o Exército Brasileiro marchava com destino a Corrientes, para invadir o Paraguai: “Não era muito raro ouvir-se à noite, depois do toque de silêncio um vagido de criança que nascia. Na manhã seguinte, fazia sua primeira marcha amarrada às costas de alguma *china* caridosa ou da própria mãe, que com a cabeça envolvida com um lenço vermelho, cavalgava um magro matungo cuja sela era uma barraca dobrada, presa ao lombo por uma *guasca*. Esses *filhos do regimento* criavam-se fortes e livremente, cresciam nos acampamentos, espertinhos e vestidos de soldadinhos, com gorro militar velho na cabeça. Comiam a *magra bóia* que com eles e as mães repartiam os pais, brutais às vezes, mas, quase sempre, amorosos e bons”.³⁹

³⁷ Idem. Ibid. p 70

³⁸ Idem ibid.p.70

³⁹ CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai** . 4. ed.. Rio de Janeiro: Editora: Biblioteca do Exército. p 71.

1.7.2. A RECONQUISTA

Gomes Freire regressou ao Rio de Janeiro em 1757, ficando o Tratado de Madri pendente. Durou pouco o descanso dos guerreiros gaúchos. Seis anos depois, os espanhóis invadiram o Rio Grande de São Pedro e tomaram a cidade de Rio Grande, onde permaneceram por 13 anos.

A reconquista recomeça. É neste episódio histórico, crítico para o RS português, que os gaúchos negros mostraram incrível valor e coragem pessoal.

1.8 A INVASÃO ESPANHOLA

Com o retorno do Exército Brasileiro ao Rio de Janeiro, a Província de Rio Grande de São Pedro ficou militarmente desprotegida. Para agravar o quadro político-militar, em 1762, a Espanha e França invadem Portugal, o que aumentou o risco de uma invasão castelhana no RS.

O sagaz político e grande general D. Pedro Cevallos vislumbrou a oportunidade única em anexar, definitivamente, Colônia e Rio Grande às Terras de Espanha. Para isso, preparou abertamente um grande e bem equipado Exército.

Em 18/19 de Abril tomou o forte de Santa. Tereza, no Chuí. Diante do poderoso exército de Cevallos Santa Tereza capitulou sem luta. Com 3.000 mil homens o exército de Cevallos marchou do Chuí para a conquista da cidade da Vila do Rio Grande, que se entregou sem luta, no dia 24 de Abril de 1763. Em seguida, passou o canal e se fortificou no Estreito, hoje S. José do Norte.

Rio Pardo ficou isolado, sem possibilidades de receber recursos. Cevallos temporizou prudentemente e não ousou tomar Rio Pardo. Naquele ano de 1763 fora firmado o Tratado de Paris, que rezava que as

coisas voltassem como era antes. Cevallos devolveu a Colônia, mas não devolveu Rio Grande.

Na Europa, o marquês de Pombal, que já expulsara os Jesuítas do Reino de Portugal, aguardava, com esperança, que a Espanha fizesse o mesmo. Mas D. Pedro de Cevallos fora nomeado por influência dos Jesuítas para salvar as reduções e impedir a demarcação do Tratado de Madri.

Os anos se arrastam em indecisões. Finalmente a Espanha decide substituir Cevallos “Em 1766, o terrível opositor dos portugueses, Cevallos, foi substituído no posto de Governador de Buenos Aires por D. Francisco de Paulo Bucarelli y Ursúa, com o encargo de presidir as medidas concernentes à expulsão dos jesuítas, dos quais Cevallos fora amigo e protetor. Durante o seu Governo, em cumprimento ao decreto de 27 de fevereiro de 1767, foram os padres retirados das Missões Orientais do Uruguai em julho desse ano”.⁴⁰

O substituto de Bucarelli foi o Marechal-de-Campo Juan José Vértiz y Salcedo, natural do México. Este Marecha-de-Campo, valoroso soldado, com um poderoso Exército teve a árdua missão de expulsar um punhado de gaúchos que restaram em torno do Forte de Rio Pardo e nas coxilhas de Encruzilhada e de Canguçu.

Gesta nessas coxilhas, a espera do seu nascimento, o Gaúcho Histórico do Rio Grande do Sul.

Em 1771 a situação político-militar no Continente de São Pedro estava assim. No lado espanhol - Expulsos os jesuítas por exigência de Vértiz y Salcedo, este Marechal-de-Campo toma posse no Governo de Buenos Aires e substitui La Rosa, Governador de Montevidéu, pelo experiente Joaquim Viana. As forças de ocupação da Vila de Rio Grande foram entregues ao bravo Francisco Bruno de Zaballa.

⁴⁰ CÉSAR, Guilhermino. História do Rio Grande do Sul – Porto Alegre. Editora Globo. p. 177

Em Portugal, dominava a política-administrativa de D. José I o astucioso político iluminista Marquês de Pombal. Pombal já havia expulsado os jesuítas do reino de Portugal em 1757, mas sempre evitou a guerra aberta contra Espanha. Por sua vez, a Espanha também não estava interessada em guerra contra Portugal.

No “Continente de Viamão e Rio Pardo” assim denominado, ironicamente pelo comando espanhol da Vila de Rio Grande, assume o comando o enérgico Cel. José Marcelino de Figueiredo, nomeado a 9 de março de 1769. Comandava um reduzido e já alquebrado contingente dos Dragões de Rio Pardo José Carneiro da Fontoura.

Com um poderoso e bem equipado Exército Vértiz e Salcedo invadiu o Continente de São Pedro. No antigo posto jesuíta de Santa Tecla (Bagé) construiu um forte militar para servir de base de operações militares. E construiu outro forte em São Martinho, para defesa e apoio do território das antigas Missões Orientais do Uruguai, agora sob comando militar e de onde viriam recursos de índios guerreiros, cavalos para a remonta e gado vacum para o abastecimento das tropas.

Diante de tantas derrotas frente aos exércitos portugueses no passado, o mexicano ex- comandante das forças militares do rio da Prata, agora no comando de poderoso Exército planejou e preparou minuciosamente o plano que tinha como objetivo a destruição de Rio Pardo, a junção dos exércitos espanhóis na Vila de Rio Grande, e dali partirem por terra para a reconquista do Puerto de los Patos, Desterro, (Florianópolis), escala dos navios espanhóis que demandavam o Rio da Prata, e o caminho do Peabiru, rumo ao Paraguai.

Mas, o competente e minucioso planejador militar Marechal-de-Campo Juan José Vértiz y Salcedo não contava com o aparecimento de dois filhos do Continente Rio do Grande dispostos a defender o chão onde haviam nascido. Um, de sangue português, comandando um grupo de aventureiros paulistas que vagavam por estes campos, afeitos às correrias na campanha, e “da pior gente que havia”; Outro, de sangue índio carijó,

comandando “um horror de NEGROS valentes que o medo não conheciam”.

1.9 UM PUNHADO DE GAÚCHOS NEGROS DERROTARAM O MAIS PODEROSO EXÉRCITO ENFRENTADO NOS CAMPOS DO RIO GRANDE DO SUL

Diante da impossibilidade de prestar auxílio ao Continente de São Pedro, a Junta Governativa no Rio, em 06 de junho de 1763, baixou a seguinte ordem: “A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas atuando dispersas, localizadas em matos nos passos dos rios e arroios. Destes locais sairão ao encontro dos invasores para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinar-lhes cavalhadas, gados e suprimentos, e ainda trazê-los em contínua e persistente inquietação”.⁴¹

Nesta guerra de guerrilhas, denominada Guerra a Gaucha, teve destacada atuação o corpo de guerrilheiros **negros** comandado pelo tenente dos Dragões Rafael Pinto Bandeira. Para o cumprimento desta tarefa, Rafael reúne **80 negros escravos** nas serras do Tape e do Herval – Rincão do Canguçu e da Encruzilhada, e parte para impedir a marcha do Exército de Vértiz.

Num primeiro momento, auxiliado por 200 dragões de Rio Pardo, Rafael ataca o forte de São Martinho, - garantia do Marechal Vértiz para receber suprimentos de cavalos para remonta, vacuns para alimentação do Exército em marcha.

Em dois de janeiro de 1774, Rafael Pinto Bandeira, conduzindo O HORROR DE NEGROS VALENTES QUE O MEDO NÃO CONHECIAM, bateu e aprisionou em Santa Bárbara (Encruzilhada do Sul), a coluna proveniente das Missões com valiosos reforços logísticos cavalhadas,

⁴¹ BENTO, Cláudio Moreira. **História da 3ª Região Militar, 1807 – 1889 e Antecedentes, Vol. I.** Porto Alegre: CFP SENAI de Artes Gráficas, 1992, p. 112.

bestas e bois de carga. Enquanto isso, “**HOMENS PRETOS, BRANCOS E MULATOS DO QUE HÁ DE MAIS INDIGNO NAQUELA CAPITANIA**”,⁴² sob o comando de Cipriano Cardoso faziam uma limpeza nos campos de gado cavalar e vacum, deixando o Exército de Vértiz sem recursos disponíveis.

O **HORROR DE NEGROS VALENTES** QUE O MEDO NÃO CONHECIAM sob o comando de Rafael nos matos, passos e arroios vindo não e sabe de onde indo não se sabe para onde assaltavam as tropas, causavam danos, terror, inquietação, nunca dando sossego ao inimigo. Isso obrigou o Exército de Vértiz y Salcedo bater em retirada.

“Mas não ficou aí a contribuição desses bravos heróis anônimos, aos quais se deve em grande parte um Rio Grande do Sul brasileiro (Bento)”. Hoje, os milhões de filhos do Rio Grande do Sul devem muito, mas muito mesmo, à obra épica realizada pelos bravos guerrilheiros de Rafael Pinto Bandeira e de Cipriano Cardoso, que não chegaram a numerar cem homens”.⁴³

1.10. OS GUERREIROS DE PINTO BANDEIRA

É criação poética de um sargento do Exército Espanhol a frase **horror de negros valentes** que o medo não conheciam, e completada pelo testemunho de fazer-se nunca presente, isto é, não entravam em combate convencional.

“Alli nos desembarcamos
Com sumo gusto y placer.
Como se dexa entender
Según los sustos que passamos

⁴² Cel Marcelino, Gov. de S. Paulo em BENTO, Cláudio Moreira, p. 85.

⁴³ BENTO, Cláudio Moreira. 1976. p 86.

Mas apenas acampamos,
Quando ya mi compania
Com otras quatro tenia
Ordem de salir corriendo
Contra um fidalgo tremendo
Pinto Bandeyras llamado
Era em efecto este tal
Fidalgo de Portugal
Y era coronel graduado:
Llevava sempre a su lado
Según voces diferentes
Horror negros valientes
Que el temor no conociam
Mas por Dios que no queriam

1.11. ANOS DE PAZ

Com a expulsão dos espanhóis, firmou-se o tratado de Santo Ildefonso assinado em 1º de outubro de 1777. Esse tratado não trouxe vantagem para o Brasil e muito desagradou os rio-grandenses: o território das missões continuavam em poder da Espanha. Mas, seguiram-se anos de paz.

A frota naval portuguesa era dependente do fornecimento Do linho da Inglaterra para a confecção de velas e cordas para os navios. O Marquês de Pombal ordenou que se criasse uma feitoria de cânhamo nesta Província para atender as necessidades dos navios portugueses. A escolha e o levantamento topográfico do local foram feito por um capitão do exército Eloy Portelli.

O local escolhido foi a margem esquerda do rio Correntes, em Canguçu Velho, e navegável até a Lagoa dos Patos, por onde se escoaria a produção. A feitoria, termo usado por Pombal e mantido, destinava-se ao cultivo e a industrialização do linho. A administração da Feitoria foi

executada pelo tenente José Machado de Moraes e pelos soldados irmãos João e Matias Martins do Regimento de Bragança.⁴⁴

“A Real Feitoria em Canguçu [1783-1789] foi acionada por 44 escravos provenientes da Real Fazenda em Santa Cruz, no Rio de Janeiro”⁴⁵

“Em 1788, o rebanho da Real Feitoria era de 3.031 bovinos e 105 muares e cavaleiros, além de haver produzido no período 255 quilos de sebo, 142 queijos, 450 couros, 1.380 quilos de estopas e 8.400 quilos de linho”⁴⁶

A Feitoria do Linhocânhamo do Rincão do Canguçu funcionou de 1783 a 1789. Os **vinte de casais de negros** cultivaram trigo. Criaram lavouras, comerciaram com Rio Pardo e Porto Alegre. Fica bem claro que estes **vinte casais de negros** escravos escolhidos para a industrialização do linhocânhamo, fazer charque, queijo, fazer transporte por água dos produtos produzidos na Feitoria eram trabalhadores especializados em várias funções, chefes de famílias bem constituídas e com numerosos filhos.

1.12. PAI JOÃO E NEGRA MINA SÍMBOLOS DO CARINHO E DO AMOR.

A Feitoria do Linhocânhamo do Rincão de Canguçu jamais chegou a funcionar satisfatoriamente. Tanto assim que, numa de suas interinidades, como Governador, Rafael Pinto Bandeira, a transferiu para a margem do Rio Dos Sinos, no Faxinal da Courita, atual São Leopoldo,

⁴⁴ BENTO, Claudio Moreira. Obra já citada .p 97

⁴⁵ Bento, Cláudio Moreira, Canguçu Reencontro com a História, Barra Mansa, RJ, ACANDHIS 2007. 2ª edição.

⁴⁶ BENTO, Cláudio Moreira – Real Feitoria do Linhocânhamo do Rincão do Canguçu .ACANDHIS, 1992 p.11

onde não foi igualmente bem sucedida. Nos anos de maior prosperidade, a feitoria chegou a produzir cerca de quarenta quintais de linho. “Mas a receita jamais bastou para cobrir as despesas”.⁴⁷

A feitoria do Faxinal da Courita funcionou até o ano de 1824, data em que foi extinta. Suas instalações foram usadas para abrigar os primeiro imigrantes alemães contratados para o Rio Grande do Sul.

O **negro** Carlos Santos, gaúcho que foi deputado estadual, Presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, Governador interino e deputado Federal deixou-nos valioso estudo sobre as **famílias negras** que trabalhavam na Feitoria do Faxinal datado de Brasília, junho de 1976.⁴⁸

Sobre a contribuição do **negro** escreve Carlos Santos: “Reafirmo aqui a assertiva de que **o negro** não foi colono nem imigrante. Na autenticidade da sua figura máscula de fator de trabalho, riqueza, prosperidade e desenvolvimento econômico, grandeza material e moral do Brasil, ele não revelou, do imigrante, os anelos da Pátria adotiva, nem, do colono, as cogitações da devoluta terra para o amanhã compensador”.⁴⁹

E mais adiante, sobre o **negro** ao longo da História: “[...] dos troncos venerandos e, inalterável, se mantém até hoje na linhagem afro-brasileira de Angola, do Congo, do Golfo de Guiné e Yorubá, enfim dos recantos mais distantes da África legendária e dolente de onde saíram os meus avoengos – os Tios Minas – figuras admiráveis e inesquecíveis de cujo sangue sobremodo me orgulho, criaturas unidas de bondade quase divinizadas e que nos quartéis primeiros dos séculos, na cidade marítima de Rio Grande, nosso amorável rincão, escreveram páginas tão lindas de

⁴⁷ CÉSAR, Guilhermino. p 209.

⁴⁸ SANTOS, Carlos – Prefácio da obra de Claudio Moreira Bento – O Negro e Descendentes do Rio Grande do Sul 1635 – 1975.

⁴⁹ Idem. *ibid*, *ibid*

Amor, Renúncia, Ternuras, Fé, e Trabalho, poemas vivos de humana excelssitude”.⁵⁰

1.13. OS TRABALHADORES EM REGIME DE ESCRAVIDÃO TINHAM FUNÇÕES E RESPONSABILIDADES IGUAIS AS DOS TRABALHADORES DE HOJE.

O porte de uma feitoria para produzir e industrializar o linho, cultivar produtos agro-pecuários para o sustento como a de Courita, necessita de mão-de-obra especializada e variada. Uma pessoa não treinada para determinada função não pode fazer parte do corpo de operários. Integrava o corpo de trabalhadores **negros em regime de escravidão** hábeis para exercerem as seguintes funções: ferreiros – 4; carpinteiros – 5; aprendizes – 4; alfaiates – 1; oleiros – 7; campeiros –17; sota feitor – 4; empregados na fazenda – 5; idem na cultura de sustento – 15; idem na cultura de linho – 36; em galés – 3; fiandeiras – 42; tecedeiras – 6; costureiras – 5; cozinheira – 3; inválidos – 79; doentes – 4. Total 238 pessoas.

Este relatório é de 1801, segundo dados coligidos pelo Gabinete Parlamentar do Deputado Carlos Santos⁵¹. O curioso é que entre os inválidos o feitor inclui 77 crianças de 1 a10 anos.

Estes fatos eu estou a escrever com o objetivo de demonstrar que os operários que trabalhavam no regime de escravidão, no RS, apenas trabalhavam no regime vigente da época, mas viviam normalmente com suas esposas e filhos, e tinham funções e responsabilidades iguais aos do regime trabalhista de hoje.

Os dados coligidos pelo afro-brasileiro **negro mina** Deputado Federal Carlos Santos das “Famílias de africanos negros e seus

⁵⁰ Idem. ibid. ibid

⁵¹ Bento, obra já citada p 100

descendentes que existiam na Feitoria do Linhocânhamo do faxinal da Courita em São Leopoldo atual, em 18 de janeiro de 1824, segundo inventário desta data”.⁵²

No inventário constam 62 casais, cada casal com vários filhos, por exemplo, o casal Francisco Mascarenhas 41 anos casado com Laura Joaquina Mascarenhas e seguintes filhos e idade: Maria (17); Josefa (12); Prudêncio (10); Francisco (7); Genoveva (5); Belmira (3); Henriquetas (1).

Vejamos a família de Marcos Pestana (41), mesma idade do Francisco, casado com Leonor Joaquina. Filhos Laurinda (15); Faustina (13); Demétrio (11); Fabiano (9); Margarida (7); Maria (5); Antonio (3); Bernardino (1).

A menor família era do casal Giordano Pereira (91) e Joana Baptista mulher (52). (Que lindo!) Dentre os 62 casais este é o único que o feitor usou a palavra mulher, em vez de esposa. Total 295 pessoas.⁵³

1.14. RETORNO À CORTE DO RIO DE JANEIRO DOS NEGROS DA FEITORIA DO LINCHO CÂNHAMO

Quando, por ocasiões da desativação da Feitoria do Linho Cânhamo, agora em São Leopoldo, estas famílias foram requisitadas de volta para a Corte. A orientação Real é que fossem embarcadas em navios por ordem de número de filhos. No decorrer do ano de 1824 as famílias foram embarcadas em vários navios, em datas diferentes. A Corte pagou as passagens a dez reais por pessoa.

⁵² Idem.ibid.

⁵³ Idem, IBID.ibid

COMPREENDA-SE A SITUAÇÃO DA PECUÁRIA NO BRASIL

No litoral os plantadores de cana de açúcar não permitiam a criação de gados; no interior, Minas Gerais etc., a preocupação era o ouro e diamantes. A ocupação intensa do Brasil teve início no nordeste com a pecuária, que se estendeu rapidamente do Ceará para o Maranhão. Água perene, somente no Piauí e Maranhão. Escreve Caio Prado Jr. Em História Econômica do Brasil. “Com exceção de raríssimos rios, todos os cursos d’água desta vasta região que abrange mais de 1.000.000 km² são intermitentes, e neles se alterna a ausência prolongada e total de água...” (...). Qualidade ínfima, ... umas duas cabeças em média por km², 120 kg de carne por animal”. Mão de obra: índios, mestiços e foragidos da justiça.

No sul, o gado trazido pelo governador do Paraguai, Hernadárias, do norte da Argentina e pertencente ao vice-reinado do Peru para o sustento das Missões Jesuítas da Província do Paraguai, havia se multiplicado em milhões de cabeças; a água era abundante, os pastos quase perenes, e as Missões não mais existiam por terem sido expulsos os jesuítas do reino da Espanha em 1767.

Com o Tratado de Santo Ildefonso em 1777, parte do Rio Grande Sul – Rio Grande, Pelotas, Rio Pardo etc. – e os campos povoados de milhões de cabeças de gado vacum, deixados pelos missioneiros, tornaram-se brasileiro. O Tratado deu segurança de um lado a outro da fronteira.

O espanhol impulsionou a indústria da carne salgada - “... El auto de reglamento de 12 de octubre de 1778, que habilito los puertos de Buenos Ayres y Montevideo para el comercio exterior⁵⁴”. Em consequência, Francisco Medina, subordinado de Cevallos durante a invasão do Rio Grande e industrial da carne de baleia na Patagônia transferiu sua atividade para as margens do rio Colla e dedicou-se a industrialização da carne bovina pelo processo conhecido Irlandês, isto é, carnes salgadas e acondicionadas em barricas. Medina desencadeou o

⁵⁴ ASSUNÇÃO, Fernando O. – História del Gaucho: El Gaucho ser y que hacer. Buenos Ayres: Claridad, 1999.

processo industrial da salga e da exportação de carne, que se segue após a liberação concedida pelo referido regulamento.

Do lado português, o Tratado de Santo Ildefonso deu estabilidade política à região das vacarias, e o português José Pinto Martins, em 1779, transferiu sua indústria de carne seca do Ceará para as margens do arroio Pelotas. Teve o mérito de dar um destino econômico ao gado vacum existente vagando pelo pampa gaúcho; deu início ao ciclo das charqueadas, tirando Rio Grande de São Pedro da Idade o Couro. Com a vinda da primeira indústria, e com ela uma seqüência de muitas outras, o Rio Grande de São Pedro entra na era industrial de exportação impulsionado pelo **Braço Forte Do Negro**.

Esse arroio é volumoso em águas a correr quase que em um plano: 12 cm acima do nível do mar, em um lugar desabitado, fundos inaproveitados de sesmarias, alagadiços e abandonados. O Arroio Pelotas foi o local perfeito encolhido para a primeira charqueada industrial no Rio Grande do Sul. Muitas outras pequenas charqueadas houve até essa data. O português José Pinto Martins criando no clima frio europeu, temperado no clima seco nordestino

A conservação da carne é obtida por diferentes processos, em todo o mundo, sempre em função das condições climáticas e da disponibilidade do animal. No Brasil temos a carne-de-sol, carne-de-vento, carne-seca; a enxerca e a chacina trazidas de Portugal. O Brasil, na época do descobrimento, não era assolado pelas secas no nordeste. A mata Atlântica era exuberante e os campos foram povoados de gados trazidos de Portugal. Aconteceu que em 1776-77 e 78 o fenômeno El Niño aconteceu no nordeste e durante esses três anos não choveu. A Mata Atlântica ofereceu condições favoráveis para a queima e ardeu em fogo durante 90 dias. (Os brasileiros do nordeste viram a oportunidade de uma comunicação com as minas de ouro e exterminaram com a Mata Atlântica por terra, com um incêndio provocado na mata que os separava das minas de ouro).

1.15 .A IDADE DO CHARQUE

O gaúcho Oriental e o gaúcho do Continente de São Pedro são irmãos e construíram uma grande família cultural. Evoluíram juntos. Participaram do mesmo trabalho e da mesma fonte, da mesma força de trabalho nas vacarias da Idade do Couro e também na Idade do Charque.

Do extremo sul, da Patagônia veio o espanhol Francisco Medina, herói da invasão feita sob o comando de Cevallos, acostumado com a salga da carne de baleia, acostumado com a água e o frio; muda-se, em 1788, para as margens do arroio Colla, departamento de Colônia, Uruguai, de clima mais ameno e com matéria prima - o gado vacum - abundante. Do norte do Brasil, do Ceará, veio o português José Pinto Martins, acostumado com um clima seco e quente, acostumado com a salga de carne de gado vacum, veio para um clima livre das secas, que periodicamente aniquilava e escasseava a matéria prima, para as margens do arroio Pelotas, mesmas condições da charqueada de Medina, mas não igual.

Sobre o processo industrial usado por Medina, escreve o historiador uruguaio Fernando O. Assunção : *y pone en marcha um gran saladero, por um sistema llamado “irlandés”, esto es la conservación de la carne en barricas con sal*⁵⁵. O processo usado por Pinto Martins foi o de mantas de charque salgada e expostas ao sol para secar, semelhante ao já usado no Ceará – produção de carne seca salgada. O que mudou foi o clima úmido e frio dos invernos sulinos. No sul, o processo de produzir charque é longo, segue várias etapas e é descrito minuciosamente pelo médico Dr. Alvarino da Fontoura Marques⁵⁶. Acentuo ser médico porque dois médicos se dedicaram ao estudo do charque: o Dr. Alvarino e o Dr.

⁵⁵ ASSUNÇÃO, Fernando O. - Historia Del Gaucho: El Gaucho: ser y que hacer Buenos Ayres, Claridad, 1999,p 229.

⁵⁶ MARQUES, Alvarino da Fontoura. **Evolução das charqueadas rio-grandenses**. Porto Alegre: Martins Liveiro, 1990. p. 66

Paulo Xavier; e dois arquitetos se dedicaram aos estudos das charqueadas, Arqtº. Riopardense e Arqtª Ester J.B. Gutierrez. Fernando O. Assunção menciona que o braço de 16 **negros escravos** impulsionaram a charqueada de Medina; Gutierrez menciona que 23 **negros escravos** impulsionaram a charqueada de Pinto Martins. Assunção escreve: *Sus **esclavos, que eran verdaderos gaúchos** (o grifo é meu) por su ofício, estaban classificados em carneadores em número de diez; sebeadores e graseadores, dos em cada ramo: además de los destinados a otros trabajos, a saber: sastre (alfaiate), zapatero, tahonero⁵⁷ y quinteros⁵⁸, com um total de 34 personas, cantidad realmente importante*". Alvarino dá a relação alfabética dos diferentes ofícios das pessoas empregadas nas charqueadas, um total de 39 funções especializadas diferentes. No inventário de Pinto Martins, Gutierrez escreve: "Somavam oito mulheres e 23 homens servis: desses, dois eram salgadores, dois sebeiros; um graxeiro, nove carneadores e nove campeiros".⁵⁹ Como vimos toda a mão de obra especializada fixa era composta de **negros escravos que eram verdadeiros gaúchos**. Os **negros gaúchos** topavam qualquer parada. Empunhavam com a mesma habilidade lança para a conquista do Rio Grande, a enxada para semear o sustento e a faca afiada a moldar as mantas de charque.

1.16. O PORTUGUÊS: um povo que amou todas as raças

José Pinto Martins morreu solteiro. No testamento ele menciona nove **negras** de crias. Com elas deixou filhos. Deixou herança em

⁵⁷ Tahonero: tafoneiro, homem especializado em conduzir os trabalhos nas atafonas, construções destinadas a preparar o sal, vindo de Cádiz, para o uso no charque.

⁵⁸ Quinteros: que cuidam da quinta, sítio na produção de frutas e alimentos.

⁵⁹ GUTIERREZ, Ester. **Negros, Charqueadas & Olarias**. Pelotas: Editora Universitária, Livraria Mundial, 1999, p. 119.

dinheiro para irmão e para filhos filho de **negras**. Entre eles menciona Daniel, filho da crioula Francisca que vivia em sua casa. A charqueada deixou para João Pinto Martins filho da parda Antônia.

O português foi um povo que abraçou, amou e procriou com todas as raças na África, na Índia, na China, na Groelândia, na América. Por outro lado, pelo conhecidíssimo e clássico relatório do charqueador e intelectual Antonio José Gonçalves Chaves (1817) que foi vereador, conselheiro, deputado estadual partidário da abolição da escravatura, enfim político de sucesso, elogiado pela por sua atitude a favor da abolição, o foi, parece-me que em tese. Na opinião dele, os portugueses vinham solteiros para o Brasil e se misturavam com gente de cor, produzindo uma população desprezível. Nesse desprezível acaba o altruísmo em favor da abolição. E mais, Gonçalves chaves “morreu de velho” sem nunca ter libertado um escravo sequer! Ao que parece, o iminente político e charqueador, na verdade, tinha a mentalidade igual a dos portugueses dos anos setecentistas, conforme escrevi no meu artigo intitulado O Luxo dos Negros.Vemos às margens do arroio Pelotas o mesmo conflito entre portugueses de sangue limpo e os mestiços que dominaram em luxo e riqueza no Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Luiz do Maranhão.E como nessas cidades, também em Pelotas o negro deixou profundas raízes na sociedade, nos folguedos, na culinária e “nos quindins de lá, lá”.

O charque foi e é feitos nas estâncias e nas fazendas. Charqueadas houve muitas na costa do Jacuí e as mais antigas estudas pelo Dr. Paulo Xavier, as charqueada Velha e a Charqueada Nova, são apontadas como as primeiras do Rio Grande do Sul. Todas iniciativas isoladas que desapareceram. O grande mérito de Pinto Martins foi a escolha do local: água em abundância, transporte fluvial, proximidade de porto marítimo para exportar o produto acabado e importar o sal de Cádiz, Espanha, este indispensável e único disponível para o fabrico do charque. O sal brasileiro extraído no nordeste, em Moçoró, portava um fungo que arruinava a carne, a “doença vermelha do charque”; e dos couros. Durante a II Guerra Mundial cessou a importação de sal da Espanha. Isto obrigou a

indústria nordestina a curar o sal, isto é, deixar um longo tempo exposto ao sol para eliminar o fungo. Até então, o sal nordestino podia ser utilizado em regiões secas, onde o fungo não se multiplica por falta de umidade.

1.17. O TRABALHO NAS CHARQUEADAS

O operário **negro** tem esta qualidade inata de trabalhar em qualquer tempo e de exercer todas as funções que um ser humano possa desempenhar. O historiador uruguaio Fernando O. Assunção qualifica-o de verdadeiro gaúcho.

O trabalho dos **negros** nas charqueadas era duro. Começava a 1:00 hora a luz de velas e lampiões, e seguia pela madrugada até o sol nascer. “Desde os tempos de Pinto Martins, já havia **escravos** em todas as tarefas das charqueadas”.⁶⁰

O trabalho nas charqueadas era por safra. Dependia das condições meteorológicas, tais como temperatura, umidade, vento, horário de sol. A experiência era tudo em um trabalho que exigia longa prática, exercitada e repetida todos os anos. Na época, só o trabalho **escravo**, permitia uma equipe permanente de homens especializados.

O homem habituado com o trabalho da idade do couro na plena liberdade do pampa gaúcho, e quando queria, não se adaptou à charqueada. Estes eram aproveitados durante a safra, que ia de dezembro a maio, quando contratavam eventuais para as funções auxiliares. As etapas da produção de charque desde o abate do boi até a o transporte para o porto de embarque, a cada etapa exige mão de obra especializada e com muita experiência.

E o historiador brasileiro Dr. Alvarino da Fontoura Marques escreve o seguinte período a p 109: “Os charqueadores vieram da

⁶⁰ MARQUES, Alvarino da Fontoura. p. 103.

exploração direta do trabalho **escravo** por mais de um século”.⁶¹ Com toda a tecnologia de hoje, a indústria da carne, os frigoríficos exige uma mão de obra semelhante a primitiva, também sem descanso. No caso do porco e do frango, o ano inteiro, sem folga. No caso do gado vacum, piorou para a segurança alimentar dos trabalhadores.

Na entre safra, meses de junho a dezembro, as famílias dos trabalhadores livres conheceram a fome e a miséria. Escreve Alvarino: “As safras-secas e as entressafras eram o drama dos trabalhadores das charqueadas depois da abolição da escravatura. Quando cessava ou diminuía o trabalho, os operários passavam a viver de biscates, embora muitos continuassem a morar nos arredores das charqueadas para garantirem o lugar na próxima safra”.⁶²

Não era somente garantir o lugar, mas principalmente, as sobras de carne da charqueada que eram abundantes, inclusive distribuídas à pobreza nas vilas.

1.18.A MATANÇA DO GADO VACUM

É importante anotar que a pesquisadora Ester J.B. Gutierrez afirma não haver comprovação de senzalas nas charqueadas, sim, galpões, e que os trabalhadores escravos não sofriam castigo corporal.

Para quem nunca viu a matança de animais o espetáculo é horrível, mas, para quem participa é uma lida prazerosa. As pessoas da terceira idade de hoje certamente participaram de matança de porco, de ovelha e de vaca. É quase que um dia de festa em casa. Toda a família participa. Viajantes ilustres que assistiram a matança em uma charqueada deixaram descrições de um quadro horroroso. Mas, nem todos.

⁶¹ Idem. Ibid. p. 109.

⁶² Idem. Ibid. p. 115.

Na opinião do Dr. Alvarino da Fontoura Marques, a mais correta foi a do viajante Herbert H. Smith: “Há não sei que de revoltante e, ao mesmo tempo cativador nestes grandes matadouros: os trabalhadores **negros seminus**, escorrendo sangue; os animais que lutam; os soalhos e sarjetas correndo rubros; os feitores estólidos, vigiando, imóveis, sessenta mortes por hora: os montes de carne fresca desodorando; o vapor assobiando das caldeiras, a confusão que, entretanto, é ordem. Tudo isso combina-se para formar uma pintura tão peregrina e horrenda quanto pode caber na imaginação. De toda essa carnificina deriva a riqueza de Pelotas, uma das mais prósperas entre as cidades menores do Brasil”.⁶³

O trabalho dos **cativos** era horrendo e cativante. Quanto à situação dos **negros** que trabalhavam nas charqueadas não era o que os “poetas” pintam: Ao escrever o trabalho *Negros, Charqueadas & Olaria*, a pesquisadora Ester J.B. Gutierrez afirma não haver comprovação de senzalas nas charqueadas, sim, galpões, nem tampouco castigos corporal.⁶⁴

A propósito, o viajante Michael George Mulhal, *Modalidades de Castigar escravos em Pelotas*. “Pouco depois de deixarmos a estalagem, começamos a sentir o calor do sol e fiquei com pena de alguns **negros** que, com pequenos pesos na cabeça, dirigem-se penosamente à cidade. Fiquei sabendo que este era um dos castigos que seus amos davam, por falta cometida, em vez de surrá-los. Como eles não se importam com o sol, a única dificuldade era a terem de caminhar 10 milhas em cada sentido para buscar, digamos uma libra de açúcar ou um jornal”.⁶⁵

Do mesmo autor: *Estivadores negros ricos, alegres e bem humorados em Rio Grande*: É um porto de considerável comércio, com

⁶³ MARQUES, Alvarino da Fontoura – Evolução das Charqueadas rio-grandenses, Porto Alegre, Matins Livreiro Editor p.40.

⁶⁴ GUTIERREZ, Ester. p.

⁶⁵ MULHALL, Michael George. **O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs**. Trad. Moreira, Euclides Santos Porto Alegre, Bels, 1974. In: BENTO, Claudio Moreira, obra já citada *O Negro e Descendentes*.p.266

navios de 250 toneladas ancorados ao longo da praia. Num ponto vêem-se homens **negros** embarcando couros para a Inglaterra, mais além, outros descarregando farinha chilena vinda de Montevideú. Alguns desses homens são escravos, outros livres e possuem muito dinheiro, mas todos são alegres e bem humorados".⁶⁶

A paz no Rio Grande do Sul iniciada em 1777 com o Tratado de Santo Ildefonso nunca foi aceita pelos gaúchos.

Em 1801 novamente Portugal entra em Guerra com a Espanha. Guerra lá, guerra cá. Imediatamente o português Marechal Patrício Correa da Câmara, comandante do Forte de Rio Pardo ataca posições espanholas situadas além da linha traçada pelo referido tratado. Este episódio foi muito importante. Vamos transcrevê-lo por quem sabe História.

1.19. NA GUERRA DE 1801

Segundo depoimento do furriel de dragões Gabriel Ribeiro de Almeida, caboclo gaúcho, irmão do general Bento Manoel Ribeiro, prova-se que negro participou desta guerra.

A certa altura ele refere: "O mesmo espírito de patriotismo que havia feito com que os povos preferissem entrar voluntariamente em guerra, fez com que, em poucos dias, se vestisse a tropa, pois os que não podiam dar dinheiro, davam panos, bois, cavalos, carros e ESCRAVOS, oferecendo tudo em benefício da tropa e do Estado, e isto se continuou a praticar em toda a guerra".⁶⁷

Os relatos de guerra não distinguem a cor dos combatentes. Sabe-se, por exemplo, que eram mestiços de índio: Manoel dos Santos Pedroso e Gabriel Ribeiro, já citado, que participaram da conquista dos Sete Povos das Missões . Nesta aventura participaram 42 homens, em sua maioria

⁶⁶ Idem ibid ,p. 267

⁶⁷ Bento, idem,ibid. p 107

aventureiros que viviam dos recursos que a campanha oferecia.

A constituição deste grupo ao qual o Brasil deve a incorporação de toda a rica região mencionada era a seguinte: Soldado de dragões José Borges do Canto - Comandante e mais 14 companheiros das estâncias da região. Furriel de dragões Gabriel Ribeiro de Almeida e mais 6 companheiros, soldados dragões do Rio Pardo destacados em São Martinho. Antônio dos Santos, aventureiro, e mais 5 companheiros, dos quais não se sabe o nome e a cor. Tenente Antônio Almeida Lara e mais 11 homens. Este grupo era paulista e estava a negócios no Sul⁶⁸.

A presença do **negro** foi indispensável na guerra: “Notícias sobre a situação do **negro** nos chegam através do seguinte trabalho: Seu autor recomendava ao Príncipe D. João a proibição da exportação de escravos do Brasil para as colônias espanholas, pois isto significava enfraquecer militarmente o Brasil, e por outro lado “**dar força ao inimigo**”.⁶⁹

Também havia o contrabando de **negros** para o Uruguai: “Denunciava que desde 20 anos atrás haviam sido exportados do Brasil 60.000 escravos com graves prejuízos para a nossa agricultura. Este contrabando era o responsável pela duplicação do preço do escravo no Brasil desde 1783, quando “comprando-se 4 escravos a dinheiro, o mesmo vendedor confiava quatro a prazo de um ano ao *agricultor* o que era de grande vantagem vantagem”.⁷⁰

Mas, depois do início do contrabando para Montevidéu, “jamais o *POBRE AGRICULTOR* pôde comprar um escravo fiado, além de terem subido 100%”. Essa expressão “dar força ao inimigo” incluía os que abandonavam o trabalho escravo e ingressavam no Exército de Artigas como homens livres. Assim como eles lutaram para conquista do Rio Grande do Sul, lutaram também pela independência do Uruguai.

⁶⁸ BENTO, Cláudio Moreira. Obra já citada, p107

⁶⁹ MAGALHÃES, Manoel Antônio. **Reflexões sobre o estado da Capitania do Rio Grande de São Pedro**. Rio de Janeiro: RIHGB, 1867, tomo 30, p.43-64.

⁷⁰ Bento, Obra já citada, p110

1.20. O NEGRO NO EXÉRCITO PACIFICADOR

A minha intenção não é escrever a História que já está escrita, mas, sim, difundi-la ao público. Partes há, que é impossível e desaconselhável recontá-la.

Vejamos o triste episódio ocorrido com o NEGRO NO EXÉRCITO PACIFICADOR: Na campanha do *Exército Pacificador*, quando o Marechal de Campo Manoel Marques de Souza retornava na noite de 23 para 24 de julho de 1811 do ataque sobre Cerro Largo, para incorporar-se ao grosso de Exército, sua tropa perdeu-se. O guia errou o caminho por causa da forte cerração. A coluna teve de passar a noite sob frio intenso, debaixo de chuva, em várzea desabrigada e destituída de lenha, com os cavalos presos pelas rédeas. Ao amanhecer, foram encontradas diversas sentinelas mortas de frio.

Entre elas alguns negros livres, intrépidos soldados da Legião de Cavalaria Ligeira da Fronteira do Rio Grande, criada em 1776, por Rafael Pinto Bandeira. Eles morreram de frio, mas não abandonaram seus postos. Esse episódio, registrado pelo Visconde de São Leopoldo em seus *Anais*, chegou-nos através de histórias de galpão.

Em maio de 1808, o Exército Pacificador da Banda Oriental adentrou no território uruguaio a pedido do Governador de Montevidéu Élio, que estava sitiado pelo Argentino Rondeau e por tropas orientais de Gervásio Artigas.

Sobre este episódio, escreve o Cel Cláudio Moreira Bento: “Negros os mais valentes soldados de Artigas. É voz geral que os mais valentes soldados de Artigas são negros fugidos, o que é natural, porque eles se batem por sua liberdade. Além disso, o **NEGRO** é mais bravo que o índio, porque possui melhor noção do dia de amanhã, de onde a sua

coragem de tudo sacrificar em busca de um futuro melhor”.⁷¹

Aqui podemos adiantar uma importante conclusão sobre uma das maneiras mais comuns do Negro obter sua LIBERDADE no Brasil. Foi como soldado de espada, lança e fuzil em punho. Isso ocorreu na Guerra Holandesa, na Revolução Farroupilha, na Guerra do Paraguai, em fim, em todos os demais conflitos brasileiros. “Segundo o General Lira Tavares, para organizar-se o Exército brasileiro, em 1824, foi necessário alforriar-se muitos negros para obter um efetivo compatível que substituísse os soldados portugueses. No Exército, o Negro encontrou um lar, um protetor e um grande aliado para a libertação total de todos os seus irmãos de cor”.⁷²

Em 1816, o Exército Argentino novamente sitiou Montevidéu sob o comando do mesmo Rondeau. Ato contínuo, Artigas dá início as Guerras Cisplatinas, cujo objetivo era o domínio e a soberania do Uruguai. As Guerras Cisplatinas ocuparam o período histórico de 1816-1828, e o Brasil nelas foi intensamente envolvido. Neste período, o Brasil proclamou a independência, 1821; o Exército foi reorganizado, 1824, e a população do Rio Grande do Sul, dados fornecidos pelo Visconde de São Leopoldo a Saint Hilaire (1819): “Branços, 32.000; negros escravos 20.611; NEGROS LIVRES 5.399; índios 8.665. Chama atenção a quantidade de negros livres em relação à população indígena e a população branca era minoria. Na cidade de Rio Grande, informava o padre da paróquia.”⁷³

Esta paróquia conta 2.000 almas, das quais cerca de 2/3 ou 1.330 HOMENS DE COR, NEGROS, MULATOS LIVRES OU ESCRAVOS”. Em Pelotas, em 1833, a população escrava/libertos era de 72.1%. Em seu relatório, Gonçalves Chaves, por sua vez escreve: “– Que eles

⁷¹ BENTO, Cláudio Moreira. Obra já citada, p. 117

⁷² Idem Ibid. ibid

⁷³ Bento, obra já citada, p122

numeravam de 50.000 a 53.000, ou a metade da população da Província, dos quais cerca de 18.000 livres”.⁷⁴

Mencionamos estes dados apenas com o objetivo de melhor compreensão do fato de que quando da reorganização do Exército, em 1824, sem a presença do **negro** o Império teve dificuldade de reunir número suficiente de militares. Este é um dos motivos de ser abolida a distinção de tropas pela cor. Ainda no período colonial, pelo Alvará de 17 de dezembro de 1802, Portugal havia acabado, no Brasil, com a diferença entre tropas brancas e de cor. Isto apenas regularizou uma situação já existente.

⁷⁴ Idem, *ibid.*

1.21. OS HERÓICOS LANCIEROS NEGROS NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Encerrado o ciclo das denominadas guerras cisplatinas em 1828, sete anos depois estoura a Revolução Farroupilha. Na Revolução Farroupilha brilhou a negritude dos Lanceiros Negros. Há muito que Bento Gonçalves demonstrava confiança na fidelidade e competência do negro nas fileiras militares. Quando comandante das forças militares da fronteira sul, Fronteira do Jaguarão, Bento Gonçalves nomeou um homem de cor para comandar o Forte de São Miguel importante ponto de apoio na defesa militar do sul do Brasil.

Vejamos o testemunho de Saint Hilaire: “A estância de José Bernardes compõe-se, “como todas as outras” [Atente-se para essa afirmação!] da casa do dono e ALGUMAS CASAS DE NEGROS, de uma cozinha em pequena choupana a parte, segundo o costume de todo o Brasil. Na estância de uma viúva, o sábio testemunhou sua proprietária tecendo ponchos grosseiros de lã para os negros. [Sobre a mesa grande da varanda a vovó Carolina Sampaio de Quadros cortava o pano para confeccionar os ponchos dos **negros** da fazenda, do marido e dos filhos. A vovó faleceu em 1954.] Este artigo tinha o nome de *bichará* e era usado a guisas de *chiripá*.

Continua o ilustrado historiador. “O capitão das guerrilhas, comandante do forte de São Miguel é um GRANDE MULATO de cabelos brancos, de figura muito curiosa. Cumulou-me de gentilezas. [...] O Capitão fez-me servir mate e em seguida levou-me ao fortim situado a alguns passos de sua casa [...] Os soldados acantonados em São Miguel, são guerrilheiros corpos de voluntários formados, no correr da guerra atual, pelo estancieiro Bento Gonçalves”.⁷⁵

Em 3 de outubro, no Chuí, Saint-Hilaire, após almoçar com o capitão mulato Manoel Joaquim de Carvalho e receber deste todas as

⁷⁵ Bento, Idem, *ibid.* p. 124

gentilezas, escreveu: “Este homem era um simples soldado, mas fez tais prodígios de valor que numa região onde quase só há brancos, guindaram-no, apesar de sua cor, ao posto de capitão.”⁷⁶

Foi por certo pensando também em outros **negros** e mulatos do valor do capitão Manoel Joaquim de Carvalho, que o sábio escreveu: “Em geral os homens desta Capitania são extremamente corajosos. Contam-se deles milhares de feitos que demonstram sua intrepidez. Estão sempre dispostos às mais árduas lutas.[...] Para guerrear deixam, sem pesar, suas famílias, mas após a vitória procuram retornar para as suas casas.”⁷⁷

1.22. CARACTERÍSTICAS DOS SOLDADOS NEGROS

Continuando sobre o mesmo livro: (qual livro) “Eram [os soldados **negros**] rústicos e disciplinados. Faziam guerra à base de recursos locais. Comiam se houvesse alimento e dormiam em qualquer lugar, tendo como teto o firmamento do Rio Grande do Sul. A maioria montava a cavalo quase em pelo. Seu vestuário era constituído de sandálias de couro cru, chiripá de pano grosseiro, um colete recobrimdo o tronco e na cabeça uma VINCHA TRICOLOR com as cores da República (verde-vermelha-amarela). Como esporas usavam uma forquilha presa ao pé com tiras de couro cru. Essa forquilha acomodava-se ao calcanhar e possuía a ponta bem afiada. Muitos usavam calças, cartola e *chilenas* (esporas), como imortalizado na figura em Museu de Bolonha, Itália, reproduzido no *Atlas Histórico e Geográfico do MEC – 1966(...)*

Eram armados também com adaga e facão. E, em certos casos, algumas armas de fogo, distribuídas entre os melhores atiradores do Corpo e para apoio de fogo em determinadas ocasiões. Como lanceiros não fizeram uso de escudos de proteção, tão comum na História Militar dos povos. Os seus grosseiros ponchos de lã - *bicharás* – serviram-lhes de

⁷⁶ Idem, ibid, ibid

⁷⁷

cama, cobertor e proteção ao frio e as chuvas. Quando em combate a cavalo, enrolado no braço esquerdo, servia-lhes para amortecer ou desviar um lançamento ou um golpe de espada..

No corpo a corpo desmontado, servia para aparar ou desviar um golpe de adaga, em cuja esgrima eram habilíssimos, em decorrência da prática continuada do *jogo do talho*, nome dado pelo gaúcho a esgrima *simulada* com faca, adaga, ou facão. Eram habilíssimos no uso das boleadeiras como arma de guerra, principalmente para abater o inimigo longe do alcance de sua lança, quer em fuga, quer manobrando para obter melhor posição tática”.⁷⁸

Estes lanceiros negros foram os gaúchos que conquistaram este torrão a pata de cavalos e riscaram as fronteiras a ponta de lanças.

1.23. LANCEIROS NEGROS DE TEIXEIRA NUNES

Continuamos a dar divulgação de O Negro e Descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975) do historiador Militar Claudio Moreira Bento, sobre os corpos de lanceiros negros Farrapos: “O dois corpos de lanceiros eram constituídos, basicamente, de negros livres ou libertos pela República Rio-Grandense, enquadrados por valorosos oficiais brancos. Possuíam oito companhias a 51 homens cada, totalizando 426 lanceiros.

Cel Joaquim Teixeira Nunes e seu Corpo de Lanceiros Negros.

Tornou-se célebre o 1º *Corpo de Lanceiros Negros*, organizados e instruídos, inicialmente pelo coronel Joaquim Pedro Soares, antigo capitão do Exército Imperial, que se destacara nas guerras platinas. Secundou o coronel Joaquim Pedro, nesta tarefa, o major Joaquim Teixeira Nunes, veterano e com ação destacada na Guerra Cisplatina.

⁷⁸ Bento, obra já citada, p.169

Esse bravo, à frente desse *Corpo de Lanceiros Negro libertos*, prestaria relevantes serviços militares à República Rio-Grandense. O 1º Corpo foi recrutado, principalmente entre os negros do então município de Piratini (atuais Canguçu, Piratini, Pedro Osório, Pinheiro Machado, Herval do Sul, Bagé, até o Pirai e parte do Arroio Grande).

Foram seus oficiais, entre outros: Coronel Joaquim Pedro Soares; Coronel Joaquim Teixeira Nunes, Tenente Manoel Alves da Silva Caldeira; Capitão Vicente Ferrer de Almeida (...)

O *Primeiro Corpo de Lanceiros Negros*, ao comando do tenente-coronel Joaquim Pedro Soares, e sub comandado pelo então Major Teixeira Nunes, teve atuação decisiva na Batalha do Seival, de 11 de setembro de 1836.

Joaquim Pedro Soares [...] foi o organizador e instrutor do famosos 1º Corpo de Lanceiros (libertos ou negros) Farrroupilhas. As tropas para o combate de Seival foram dispostas por Joaquim Pedro, na qualidade de Imediato de Antônio Neto. Deixou um esquadrão de reserva que fez operar em momento oportuno, decidindo a sorte da luta. [...] Participaram do combate do Seival 430 homens, e o efetivo de um Corpo de Lanceiros Negros era de 426 homens a oito companhias.”⁷⁹

Acrescentemos a essa bela exposição: A proclamação da República Rio-Grandense deve-se ao heroísmo de 426 soldados **gaúchos negros** sob o comando de Souza Neto e mais três oficiais.

⁷⁹ BENTO, Claudio Moreira, obra citada p.172.

1.24. OS LANCEIROS NEGROS EM SEIVAL E PORONGOS

A Proclamação da República Rio-Grandense e assinatura da paz honrosa de Ponche Verde devem-se a atuação heróica dos corpos de lanceiros negros no campo de batalha

Os dois eventos mais importantes da Revolução Farroupilha foram protagonizados pelos **gaúchos negros**: a proclamação da República Rio-Grandense nos campos de Seival e a assinatura da paz honrosa assinada nos campos do Ponche Verde. E estes dois combates são suficientes para demonstrar o que este trabalho se propõe: divulgar a importância da participação dos **gaúchos negros** na História do Rio Grande Heróico.

A música do Hino da República Rio-Grandense, e hoje, a do Hino do Estado do Rio Grande do Sul, é autoria do Maestro Joaquim Mendanha, “homem de cor, mulato carregado, liberto” segundo Walter Spalding.

Escreve Cláudio Moreira Bento: “Na Surpresa de Porongos, em 14 de novembro de 1844, os lanceiros negros de Teixeira Nunes salvaram a Revolução farroupilha do desastre total. Pelo modo como combateram, salvaram Canabarro, grande parte das tropas e tornaram possível a negociação de uma paz como foi a de Ponche Verde, e a liberdade para todos os negros e mulatos que lutaram pela República. Dentre eles, 80 eram dos bravos lanceiros de Teixeira Nunes.”⁸⁰

Assim escreveu Canabarro Reichardt sobre a Surpresa de Porongos; “A situação é terrível. Os farrapos, passados os primeiros momentos de estupor, cobram ânimo e dispõem-se a morrer lutando. Teixeira, o *bravo dos bravos*, cujo denodo assombrou um dia o próprio Garibaldi, reúne os seus lanceiros negros. O 4º Regimento de Linha e alguns esquadrões afrouxam, mas os imperiais, surgem de todos os pontos.

⁸⁰ BENTO, Cláudio Moreira. 1976. p 172.

Segunda carga, mais impetuosa, mais desesperada, é também repelida. É este o sinal da debandada geral. Em vão os chefes chamam os soldados ao dever, dando-lhes o exemplo. Nada os contém e o exército, como por encanto, se dissolve, arrastando consigo ainda os que querem lutar. Apenas alguns grupos mantêm-se resistindo e neles o combate se trava a arma branca. Tombam os lanceiros negros de Teixeira, brigando um contra vinte, num esforço incomparável de heroísmo.

Esta descrição de sacrifício dos LANCEIROS NEGROS, para salvar ao máximo o Exército, o ideário da República Rio-Grandense, é comovente e de emocionar todo o filho do Rio Grande do Sul, justificando uma homenagem póstuma, ainda que tardia, do Governo e povo do Rio Grande do Sul”.⁸¹

Dos Lanceiros Negros acreditamos tenham restado mais de 120, que após a paz do Ponche Verde foram mandados pelo Barão de Caxias adir aos três Regimentos de Cavalaria de Linha da Província.⁸²

O ataque de surpresa em Porongos foi concebido e executado pelo barão do Jacuí, Francisco Pedro de Abreu, “O Moringue”, célebre guerrilheiro gaúcho, que liderou as invasões no Uruguai denominadas Califórnia de Chico Pedro.

Muitos historiadores escreveram sobre esse combate tratando-o como se acontecera fruto de uma traição engendrada entre o Barão de Caxias e o general David Canabarro, teve a seguinte origem:

“Chico Pedro em perseguição a Canabarro e acampado no Pequeri, falou ao seu Major de Brigada João Machado de Moraes: És capaz de imitar a firma do Barão de Caxias? E ele respondeu: - A letra é boa e talvez eu possa imitar. Então vamos fazer uma intriga contra Canabarro. Pois ele é o único que pode sustentar a Revolução. Portanto

⁸¹ LOBO, Arthur. **Antropologia no Exército Brasileiro**. Arquivos do Museu Nacional 300. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1921. p.

⁸² MACHADO, Alcântara. **Vida e Morte dos Bandeirantes**. 2º Ed. São Paulo: 1930. p.

vamos fingir um ofício assinado por Caxias para min dizendo que no dia tal eu vá atacar Canabarro e derrota-lo, visto haver entre Barão de Caxias e Canabarro e oficiais deste um convênio.”

Escrito o ofício com a assinatura de Caxias, falsificada, Chico Pedro ao passar em Piratini pela casa de Manoel Francisco Barbosa, mostrou-lhe o ofício falsificado. E este, republicano extremado, mordeu a isca. E exaltou-se e copiou o dito ofício e distribuiu. A intriga planejada fez o efeito desejado que até hoje perdura, sem que sejam analisadas as heroicas vidas de Canabarro e Caxias que negam a capacidade de fazerem tal acordo.

1.25. REFLEXOS DA INVASÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA POR NAPOLEÃO BOANPARTE NAS COLONIAS ESPANHOLA E PORTUGUESA.

Os exércitos de Napoleão Bonaparte invadiram a Península Ibérica e depuseram o Rei da Espanha e assumindo o Governo. Diante da impossibilidade de conter a marcha dos exércitos de Napoleão, D. João VI decidiu não sacrificar o povo e o exército português. E tomou a sábia decisão de transferir a sede do Reino para o Brasil, em 1808.

E do Brasil. Com essa decisão, manteve o Poder unido. Do Brasil, reinou sobre as possessões portuguesas, sem interrupção. O dia em que retomou a Portugal deixou-nos um território unido física e politicamente: um só povo, uma só nação. A paz e a união que existe entre nós devemos a D. João VI.

A Espanha enfrentou Napoleão e perdeu o trono. Nas colônias espanholas, sem Governo central, líderes regionais declararam Independência, e as colônias espanholas se fragmentou em vários países, os quais entraram em luta entre si, disputando territórios.

Com o objetivo de reunir em um só nação o antigo o vice-reinado do Prata, o líderes do Paraguai, Argentina e Uruguai, cada um deles tentou incorporar a seus territórios o Rio a província portuguesa do Rio Grande de São Pedro. Desse fato, resultaram lutas e guerra. A luta contra Oribe e Rosas e não contra o Uruguai e a Argentina e, mais tarde, guerra com o Paraguai, melhor dizendo, contra Solano Lopes, que invadiu o Brasil, pois o Brasil nunca pensou em assumir o Poder do vizinho país. De fato, os brasileiros lutaram para derrubar do poder os políticos que desejavam anexar o Rio Grande do Sul a seu território.

*Vejamos primeiro a participação do **negro** para tirar do poder Oribe e Rosas. Coube o comando das operações militar ao Duque de Caxias, que então, assumiu o Governo do Rio Grande do Sul pela segunda vez e o comando do Exército Brasileiro em operação.*

Escreve o historiador militar Cláudio Moreira Bento: “Salta aos olhos que, dadas as grandes diferenças existentes, tanto em relação aos habitantes como às próprias condições regionais entre as províncias do norte e do sul do Brasil, as mesmas diversidades se manifestam no Exército.

Considerando que a populações negra e mulata preponderam nas províncias do Norte, não surpreende que toda a infantaria seja recrutada nessas paragens, ao passo que a Cavalaria é principalmente e complementada no sul, onde também se encontram suficientes reservas de muitos brancos, para poder prescindir mais ou menos de homens negros”.⁸³

O Capitão alemão Eduard Siber, participante da guerra, em suas memórias escreve: “ [...] o Brasil mantém um Exército permanente relativamente considerável, no qual notam-se principalmente homens negros livres, mulatos e índio alistados, ou antes recrutados”.

Para concluir: “Quando o tenente coronel Osório carregou a trote com um regimento sobre uma bateria de artilharia inimiga, no entrevero

⁸³ BENTO, Cláudio Moreira.ano. p.

resultante, o soldado mulato José Martins, natural de Mostardas, investiu com grande arrojo sobre o inimigo e conseguiu arrancar das mãos de um deles, uma bandeira com a legenda: ROSAS ECHAGÜE OU MORTE, pertencente ao Esquadrão da Guarda do General Echagüe [...] Por seu feito heróico foi-lhe concedido passar três meses de licença em Mostardas. Além de premiado com 400.00 mil réis (200 patacões)”.⁸⁴

1.26. REMEMORANDO A HISTÓRIA

O Brasil é um país que sempre esteve em lutas armadas, guerras e revoluções em defesa de sua integridade. Guerra contra a França duas vezes, a Holanda duas vezes, a Inglaterra uma vez, Uruguai, Paraguai e a questão do Acre com a Bolívia, liderada pelo gaúcho Plácido de Castro e a disputa que acabou o Brasil negociando o território ocupado pelo município de Cuiabá, do outro lado do rio Paraguai. A luta armada que tivemos na Argentina, onde o Exército Brasileiro travou as batalhas de Moron ou Caseros foi de apoio ao General argentino Urquiza para depor o ditador Rosas e garantir a livre navegação pelo estuário do Prata até Mato Grosso, proibida que fora por Rosas.

A participação do **negro** nesta guerra é um pouco diferente. O Brasil já tinha o célebre dos Henriques, compostos somente de **negros**, comandados por Henrique Dias, sobre os quais já falamos. Na Campanha do Paraguai

⁸⁴ Idem, *ibid.* p. 197.

1.27. UNIDADES COMPOSTAS SOMENTE DE NEGROS DO EXÉRCITO NACIONAL

“O terço de Henrique Dias da Guerra Holandesa e o corpo de Lanceiros negros da República Rio-Grandense não foram as únicas unidades da História do Brasil compostas, exclusivamente, de soldados patriotas negros livres. Tivemos Terço de Henriques em Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro (...) e muito respeitados pelo seu valor, entre os espanhóis”.⁸⁵

“Antes da 1.^a organização do Exército, em 1.^o de dezembro de 1814, existiam as seguintes unidades de homens negros libertos surgidas durante as guerras da Independência.

De 1.^a Linha e integrados, em grande número, por negros e mulatos libertos da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul:

1.^o Batalhão de Infantaria de Libertos de Montevidéu.

2.^o Batalhão de Infantaria de Libertos de Montevidéu.

Na 2.^a Linha ou Milícias

Regimento de Infantaria de Libertos de Sabará.

Regimento de Infantaria de libertos de Paracatu

Batalhão de infantaria de Libertos de ouro Preto

Companhia de Infantaria de Libertos de Ouro preto.

Na República Rio-Grandense tivemos os *Corpos de Lanceiros Negros*, a primeira tropa de Cavalaria no Brasil constituída de negros libertos.

Na Guerra do Paraguai, foi da Bahia para a campanha um batalhão de negros zuavos, todo constituído de homens de cor. Na

⁸⁵ Bento, obra já citada, p. 154.

revolução de 32, de São Paulo, tivemos a Legião Negra de São Paulo, que prestou àquela causa assinalados serviços militares, segundo Arthur Ramos.”

1.28. CORPOS DE MILITARES NEGROS NA CAMPANHA DO PARAGUAI

Segundo o dicionário Aurélio ZUAVO. [Do bérbere Zwave. atr. do fr. Zouave] S. m. Soldado de infantaria argelino, outrora a serviço da França.

Não só da França. Esse povo que vivia nas montanhas entre a Argélia e a Tunísia era de tão bravos guerreiros, que o Império Otomano não podendo subjugar-los anexou-os aos seus exércitos. A França, quando invadiu a Argélia, também a eles se aliou. Trouxe-os para combater no México, assim também o foram usados pelos estados Confederados na guerra da Sesseção, nos Estado Unidos. Em uma bela fotografia dos uniformes dos confederados, de 1861, vê-se, em pé, um soldado vestido de botas, bombachas e chapéus igual ao gaúcho tradicionalista atual.

“Tomaram parte na Guerra do Paraguai, nos Corpos de Voluntários da Pátria, unidades, valor companhia, chamadas de Zuavos Baianos, cujo sacrifício faz parte dessa conquista social pela cidadania. Organizadas entre negros do Nordeste, de acordo com o que relata o general Paulo de Queiroz Duarte instituíram-se com "grande entusiasmo". Todos os componentes dessas unidades eram afrodescendentes, dos soldados aos oficiais”.

O General Dionísio Cerqueira - que integrou as tropas brasileiras que combateram no Paraguai, na condição de jovem oficial - escreveu que em dezembro de 1865, no campo de Lagoa Brava, próximo da cidade de Corrientes, a tropa foi reforçada por grande número de Corpos de Voluntários, que haviam ali chegado subindo, embarcados, o rio Paraná.

"Fui visitar os acampamentos dos recém chegados e encontrei amigos, colegas de colégio, que vinham partilhar nossa vida honrosa. Havia entre os voluntários, um corpo de uniforme estranho; - "largas bombachas vermelhas prêsas por polainas que chegavam à curva da perna, jaqueta azul, aberta, com bordados de trança amarela, guarda-peito do mesmo pano, o pescoço limpo sem colarinho nem gravata e um fêz na cabeça. Eram todos negros e chamavam - Zuavos baianos. Os oficiais também eram negros" ⁸⁶

A primeira Companhia de Zuavos Baianos foi despachada de Salvador, na Bahia, pelo Desembargador Baltazar de Araújo Bulcão, nos termos do Decreto nº 3.371 de 7 de janeiro de 1865, para a Corte do Rio de Janeiro.

Os uniformes dos zuavos brasileiros tiveram como modelos a vestimenta dos corpos franceses existentes na Argélia. Na cabeça usavam o fêz barrete de forma tronco-cônica, geralmente vermelho. Porém viria da Turquia a tradição em se organizar esse tipo de tropa. Naquele país usavam um turbante verde, cor sagrada do profeta, que só certos sacerdotes, "os imans", podiam usar. Até 1926 o "fez era de uso obrigatório aos funcionários civis e soldados do exército turco", complementou Paulo de Queiroz Duarte. ⁸⁷

"Fui arrojando os meus denodos de bravura não com interesse do leproso ouro causador de todas as desgraças aos infelizes que pelos maus princípios são aconselhados (...), mas sim como esteve sempre em minha mente, que quando voltasse destes campos de batalha queria ver o meu monarca coberto de glória, e tapizando os troféus do tirano que audazmente nos tirou a luva", **Dom Obá II d'África.**"⁸⁸

⁸⁶ Cerqueira, Dionísio, obra já citada, p. 132

⁸⁷

⁸⁸ Fundação Cultural Palmares – Ministério da Cultura

1.29. A MAIS LINDA TROPA

Acompanhemos o Conde D'Eu nesta belíssima pagina escaneada:

Viagem Militar ao Rio Grande do Sul

Do Taquari passou o imperador, sempre acompanhados dos chefes aliados, ao vapor Rio-Uruguai armado de uma peça de 30, e a uma de duas chatas, embarcações de vela que, armadas cada uma com um canhão, completam actualmente a nossa flotilha (I).

E' nesta flotilha que está embarcada a 1ª companhia dos Zuavos Bahianos, a mais linda tropa, a meu ver, de todo o exercito brasileiro. Compõe-se unicamente de negros; brancos, indígenas ou mulatos são della excluidos. Os officiaes são tambem todos negros, negros retintos; e nem por isso são peiores officiaes; pelo contrario. Estive propositadamente a conversar muito tempo com elles; estão inteiramente a par de todos os pormenores do seu serviço e orgulhosos do seu batalhão. Quasi todos eram officiaes inferiores na Guarda Nacional; um tem a medalha de prata de 1852. Deram a estes zuavos um uniforme vistoso, que muito bem diz com a côr da sua pelle: calça encarnada, collete verde com galões amarellos, cinta encarnada, jaqueta azul, pescoço descoberto, fez encarnado. Sobretudo a supressão da golla, que os homens de côr muitas vezes não sabem ajustar convenientemente, é uma idéa felicíssima; só lamento que se não tenha completado com polainas brancas o seu aspecto militar. Estes uniformes, que se fizeram por subscrição publica na Bahia, estão maravilhosamente bem conservados. O traje dos officiaes não têm de commum com os dos soldados sinão a calça encarnada: vestem uma simples farda azul e têm no képi as iniciaes Z. B., pois que estes zuavos não foram incluidos na numeração geral dos corpos de Voluntarios. Além desta companhia deu a provincia da Bahia mais duas (que

estavam ainda no Rio de Janeiro á data das últimas notícias) e a de Pernambuco uma.⁸⁹

(1) Uma chata era commandada pelo 1º tenente Floriano Vieira Peixoto.

1.30. O ORGULHO DE SER GAÚCHO

Com a Guerra da Tríplice Aliança, Argentina, Uruguai e Brasil contra do ditador paraguaio Francisco Solano Lopes encerra os tempos do Rio Grande heróico, motivo do orgulho de ser gaúcho. Com a morte do general gaúcho Manoel Luiz Osório, o maior herói e líder popular brasileiro em 04 de outubro de 1879, desaparece o último comandante da Cavalaria Gaúcha, que igual aos zuavos baianos, pernambucanos e mineiros enche de orgulho o povo gaúcho.

Assim como vimos os Voluntários da Pátria baianos pelos olhos do Conde D'Eu, vejamos a cavalaria dos Voluntário da Pátria gaúchos vistos com os olhos do General baiano Dionísio Cerqueira:

Fizeram alto e apearam.

Havia oficiais, inferiores e soldados.

Alguns tinham barbas longas que lhes desciam até o peito, e cabelos trançados que chegavam quase à cintura. Seu guizamento era digno de nota: longas adagas de fortes punhos com virotes em cruz e bainhas de prata lavrada; pesadas chilenas também de prata, com tão longos copetes que lhes chegavam aos artelhos, e cossouros de tal diâmetro que lhes dificultavam a marcha; chapéu de feltro de abas estreitas, cobertos de ganga vermelha e presos por barbicachos de borla a ponta do nariz; *bombachas* vermelhas ou negras e ponches de bicunha de côres vivas ou de outros estofos

⁸⁹Conde D'Eu – Viagem Militar ao Rio Grande do Sul, Companhia Editora Nacional, São Paulo, p. Da onde foi scaneada esta pagina?

bordados a sêda e agaloados; espadas de *ferradura*, com três dedos de largura; lanças imensas de conto de prata ou aço polido, de choupa longa e brilhante, com *galhos* direitos ou em meias luas invertidas, os cornos ponteagudos voltados para cima e para baixo, que mais pareciam lâminas de corseques e partasanas alemães; um par de pistolas à cinta, na *pistoleira*, que era a larga *guaiaca*, espécie de balteo coberto de chaparias e moedas, onde guardavam onças e libras de ouro, patações e *bolivianos* de prata; Os cavalos tinham as crinas tosadas em cogotilho e as colas atadas. Cada um tinha em cima um montão de prataria lavrada. As cabeçadas com grandes meias luas nas testeiras; as rédeas de *bombas* ou passadores chatos ou esféricos; as bridas de fortes caimbas, florões e copas, os largos *fiadores* de chapas ou filagrana, os *buçais*, os cabrestos, as cabeças dos *serigotes*, os estribos do século dezesseis, de grande *picaria* com longos *bocais* cilíndricos ou faceados, as *cantoneiras* das *caronas* de pele de tigre, os rabichos e os peitorais; tudo era de fina prata lisa ou sinzelada. Sôbre os lombilhos e serigotes, pelegos negros cobertos por uma *badana* e *sobrecincha* de couro de lontra, de veado ou cinchões escarlates bordados e frangeados. Todos tinham boleadeiras, umas de marfim, outras de fero *retovada* de couro, presa debaixo dos plegos do lado da garupa.

Em muitos se viam laços bem trançados presos a cinchador, do lado direito, enrodilhados sobre a anca e atados ao sirigote por um *tento de lonca*. Poucos traziam pendurados na argola da sugigola ou no peitoral a chaleirinha do *mate*.

Era um quadro pitoresco. – Havia altos e robustos, claros, de olhos azus e cabelos alourados; ulterior morenos, musculosos, de cabeleiras negras e lisas e barbas rarefeitas; alguns de lábios grossos, dentes alvos, maçãs do rosto saliente, nariz achatado e cabelo cacheados caindo sobre os ombros. Um ou outro negro. Parecia ser uma cabila de guerreiros da Mauritàni. Faltavam-lhes os

albornozes.⁹⁰

⁹⁰ Cerqueira, Dionísio, obra já citada p. 402

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antunes, TE. Cel. De Paranhos Antunes Os Dragões do Rio Pardo- Biblioteca do Exército Editora, 1954

ASSUNÇÃO, Fernando O. História Del Gaucho – El gaucho: ser y que hacer, - I Ed- Buenos Ayres: Claridad. 1999

BENTO, Cláudio Moreira. **O Negro e Descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975)**. Porto Alegre: Grafosul, Instituto Estadual do Livro, 1976.

BENTO, Cláudio Moreira. **História da 3ª Região Militar, 1807 – 1889 e Antecedentes**. Porto Alegre: CFP SENAI de Ates Gráficas, 1992.

BENTO, Claudio Moreira, Real Feitoria do Linhocânhamo do Rincão do Canguçu (1783-89) Localização, Prefeitura Municipal de Canguçu, 1992

BENTO, Cláudio Moreira, Canguçu, Reencontro com a História, Barra Mansa - Rj, ACANDHIS, Gráfica Editora Irmãos Drumond LTDA, 2007, 2ª Edição

BENTO, Cláudio Moreira, Escolas Militares de Rio Pardo 1859 – 1911, Porto Alegre Ed. Gênese, 2005

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai** . 4ª. Ed. Editora: Biblioteca do Exército.

CAMPOS, Maria José. Arthur Ramos, Luz e Sombra na Antropologia Brasileira. Edições Biblioteca Nacional, Ministério da Cultura, 2004

CÉSAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.

COMISSÃO NACIONAL, para as comemorações dos descobrimentos portugueses. Tesouros da Cartografia Portuguesa. Edições INAPA. Torre do Tombo, 6 de Julho a seis de Agosto de 1997.

D'Eu, Conde. Viagem Militar ao rio Grande do Sul. Companhia Editora Nacional, São Paulo. 1936

GUTIERREZ, Ester. **Negros, Charqueadas & Olarias**. Ed. UFPel, 1993.

HECKER. Adari Francisco. **A Trilha dos Tropeiros**. Passo Fundo: Berthier, 2007.

LARA, Sílvia Hunold. **FRAGMENTOS SETECENTISTAS: Escravidão, cultura e poder na América Portuguesa**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

LOBO, Cel Arthur. Antropologia do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: Arquivo do Museu Nacional 300. 1921. *In*: BENTO, Claudio Moreira. **O Negro e Descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975)**. Porto Alegre: Grafosul, 1976

MACHADO, Alcântara. **Vida e Morte dos Bandeirantes**. 2º Ed. São Paulo: editora. 1930.

MAGALHÃES, Manoel Antônio. **Reflexões sobre o estado da Capitania do Rio Grande de São Pedro**. Rio de Janeiro: RIHGB, 1867, tomo 30.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. **Evolução das Charqueadas Rio-Grandenses**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990.

MOSIMANN, João Carlos. **Porto dos Patos, 1502-1582** Florianópolis, Edição do Autor, 2002.

TOURINHO, Luiz Carlos. Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense – Segunda Partida Demarcadora. Tratado de Madri de 1750. Estante Paranista “ 14 – 1982.

SCHWARCZ, 1999:268,272. *In*: RAMOS, Arthur. **Luz e Sombra na Antropologia Brasileira**. Local. Biblioteca Nacional, dez. de 2004.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

AGRADECIMENTOS

Claudio Moreira Bento – Que me municiou com todos os livros dele citados na pesquisa e outros que me propiciaram orientações seguras sobre a História do Rio Grande do Sul, me estimulou levar a História aos colégios e a compreender o quanto devemos à bravura dos guerreiros negros que de lança em punho ajudaram traçar as fronteiras do Rio Grande do Sul.

O meu agradecimento ao amigo Cláudio e a minha homenagem aos gaúchos negros que tanto trabalharam e muito lutaram para termos um Rio Grande do Sul brasileiro.

